

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE JORNALISMO

MILENA FÉLIX DE SOUZA

**TRAÇOS EPISTEMOLÓGICOS NA REPRESENTAÇÃO DO FEMINISMO NO
DISCURSO MIDIÁTICO:**

O CASO AMBER HEARD NO JORNAL "FOLHA DE SÃO PAULO"

UBERLÂNDIA

2022

MILENA FÉLIX DE SOUZA

**TRAÇOS EPISTEMOLÓGICOS NA REPRESENTAÇÃO DO FEMINISMO NO
DISCURSO MIDIÁTICO:**

O CASO AMBER HEARD NO JORNAL "FOLHA DE SÃO PAULO"

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof. Dra. Adriana Omena Santos

UBERLÂNDIA

2022

MILENA FÉLIX DE SOUZA

**TRAÇOS EPISTEMOLÓGICOS NA REPRESENTAÇÃO DO FEMINISMO NO
DISCURSO MIDIÁTICO:**

O CASO AMBER HEARD NO JORNAL "FOLHA DE SÃO PAULO"

Monografia apresentada ao Curso de
Jornalismo da Universidade Federal de
Uberlândia como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em
Jornalismo.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Adriana Cristina Omena dos Santos

Orientadora

Profa. Dra. Raquel Discini de Campos

Examinadora

Profa. Dra. Ana Cristina Manegotto Spanenberg

Examinadora

Uberlândia, __/__/____

A todas as mulheres que já sofreram a violência em seus corpos, suas almas e suas mentes. A todas que precisaram do feminismo, porque era sua única opção.

AGRADECIMENTOS

Antes de mais nada, meu agradecimento a Deus, que me sustentou e deu forças em todos os dias escuros da minha vida, e que nunca desistiu de mim, mesmo quando eu mesma queria desistir. Agradeço a todas as Milenas que eu já fui, que tiveram força, coragem e bravura para enfrentar um mundo violento de peito aberto e verdade nas mãos. Agradeço pela oportunidade de viver e fazer da minha jornada uma tentativa de melhorar o mundo.

Agradeço à Vivian, que mudou e salvou minha vida. Ela foi o herói que eu achei que não ia chegar, mesmo sendo tão diferente do que eu imaginava como um. Agradeço ao Igor, que derramou sobre mim a primeira gota de amor que eu já havia recebido, e que me abriu as portas da cura. Obrigada pela parceria e por todas as noites trabalhando juntos.

Obrigada também à Ana Carolina e à Maria Carolina, por serem minhas melhores amigas, e à Laura, à Barbara, à Betina, à Maria Dalva, à Bruna, à Cláudia, à Cíntia, à Isadora, à Quelse, e a todos os que me ampararam nessa jornada de alguma forma. Cada ajuda mudou minha vida, e eu sou infinitamente grata. Um agradecimento especial ao Guilherme, que nunca mediu esforços para cuidar de mim.

Meu reconhecimento a todos os envolvidos nas políticas públicas de inclusão de pessoas de baixa renda nas universidades públicas. Se não fossem as bolsas de assistência, eu jamais teria chegado até aqui. Hoje, eu, que estudei na menor escola pública da periferia de uma cidade do interior, posso competir em quase pé de igualdade com pessoas privilegiadas, e isso não seria possível sem tais políticas. Agradeço também às ações de apoio e combate à violência contra a mulher, especialmente ao Coletivo Acolhidas, que me proporcionaram diminuir os impactos que a violência doméstica me causou ao longo da vida.

Obrigada também à minha mãe, que, aos 15 anos, e esmagada por inúmeras opressões, ainda decidiu me assumir, e me dar o direito a existir neste mundo. Agradeço ao meu pai, que me ensinou toda a coragem, e a todos os meus antecedentes. A vida é um espetáculo. Agradeço ao Marciel, pelos abraços no fim do mundo, e ao Miguel, por ter me dado cuidados quando eu era apenas uma criança, incapaz de enfrentar as coisas sozinha. Obrigada também ao Marcos Bruno e à Bruna, por continuarem existindo mesmo em meio a tanta dor. Agradeço, enfim, a todos os que me quiseram viva e feliz até aqui, apesar dos pesares.

Liberdade é pouco, o que eu quero ainda não tem nome.

Clarice Lispector, em “Perto do Coração Selvagem”

SOUZA, Milena Félix de. **Traços epistemológicos na representação do feminismo no discurso midiático:** O caso Amber Heard no jornal “Folha de São Paulo”. 2022. 72 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022.

RESUMO

Este trabalho discorre acerca das representações e das crises que o movimento feminista tem enfrentado nos últimos anos, principalmente na mídia, em meio às redes sociais, às diferentes correntes, polarização política e lutas identitárias. Assim, o caso de Amber Heard, vencida no tribunal por seu ex-marido, acusado de violência doméstica, Johnny Depp, se tornou um linchamento público. Este trabalho faz uma Análise do Discurso de uma reportagem da Folha de São Paulo sobre o caso de Heard, e reflete sobre o movimento feminista atual. Além disso, ele elabora uma proposta de organização epistemológica do feminismo. Os resultados encontrados indicam que a reportagem tem tendências ao discurso do feminismo radical.

PALAVRAS-CHAVE: Feminismo, Crise do Feminismo, Epistemologia, Análise do Discurso, Amber Heard, Johnny Depp.

SOUZA, Milena Félix de. **Epistemological traits in the representation of feminism in the media discourse:** The Amber Heard case in the newspaper “Folha de São Paulo”. 2022. 72 p. Completion of course work (Degree in Journalism) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022.

ABSTRACT

This work discusses the representations and crises that the feminist movement has faced in recent years, especially in the media, in the midst of social networks, different currents, political polarization and identity struggles. Thus, the case of Amber Heard, won in court by her ex-husband, accused of domestic violence, Johnny Depp, became a public lynching. This work makes a Discourse Analysis of a Folha de São Paulo report on the case of Heard, and reflects on the current feminist movement. In addition, it elaborates a proposal for the epistemological organization of feminism. The results found indicate that the report has tendencies towards the discourse of radical feminism.

KEYWORDS: Feminism, Feminist Crisis, Epistemology, Speech Analysis, Amber Heard, Johnny Depp.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 EPISTEMOLOGIA DO CONHECIMENTO	15
2.1. RACIONALISMO	16
2.2. EMPIRISMO	18
2.3. POSITIVISMO	20
2.4. DIALÉTICA	21
2.5 MATERIALISMO HISTÓRICO DIALÉTICO	22
2.6 CIÊNCIAS HUMANAS	25
3 MOVIMENTO FEMINISTA	27
3.1 A OPRESSÃO ÀS MULHERES	27
3.2 ENCONTROS E DESENCONTROS DO FEMINISMO	30
3.3 AS ONDAS FEMINISTAS	33
3.3.1 Primeira Onda	33
3.3.2 Segunda Onda	34
3.3.3 Terceira Onda	36
4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE ANÁLISE DO DISCURSO	41
4.1 UMA BREVE HISTÓRIA DA ANÁLISE DO DISCURSO	42
4.2 IDEOLOGIA, INSCRIÇÕES IDEOLÓGICAS, FORMAÇÕES DISCURSIVAS E FORMAÇÕES IDEOLÓGICAS	43
4.3 POLIFONIA, DIALOGICIDADE E HETEROGENEIDADE	44

4.4 ESCOLHAS METODOLÓGICAS PARA A PESQUISA	47
5 AS VOZES PRESENTES NO DISCURSO MIDIÁTICO: FEMINISMOS E EPISTEMOLOGIA.....	51
5.1 O CAMPO DE GUERRA DAS REDES SOCIAIS EM UM MUNDO POLARIZADO	54
5.2 UM HOMEM SERIA TRATADO DA MESMA FORMA?	55
5.3 DIREITA OU ESQUERDA? DESDE QUANDO EXISTE AUTORIZAÇÃO PARA DUVIDAR DE MULHERES?	57
5.4 UMA POLIFONIA FEMINISTA	58
5.5 FEMINISMO E EPISTEMOLOGIA	59
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS	64
APÊNDICE: REPORTAGEM NA FOLHA DE SÃO PAULO	68

1 INTRODUÇÃO

Se tivermos a oportunidade de questionar o mundo ao nosso redor, entenderemos que cada pensamento tem uma origem teórica. Todo posicionamento é ideológico e não existe sozinho, ele pertence a um contexto. E não só um contexto contemporâneo a ele, presente em seus arredores, mas também uma linhagem histórica, que remonta a muitas coisas que vieram antes dele. As expressões que utilizamos no dia a dia, por exemplo, surgiram muito antes de nós, e não são, em geral, imparciais. Elas carregam, em si, a bagagem do percurso até nos encontrar. Essas afirmações encontram respaldo nas palavras de Antônio Barros e Rogério Junqueira quando afirmam que:

Os fatos não existem. Melhor: os fatos não existem por si mesmos, no estado bruto. Os “fatos” só existem por nossa observação. E toda observação é orientada por um conjunto de representações e de esquemas, por intermédio dos quais os seres humanos percebem, interpretam, classificam, dividem, compreendem os fenômenos que têm diante de si. (BARROS; JUNQUEIRA, 2005, p. 33)

A Epistemologia é, justamente, a ciência que se dedica a estudar as outras teorias e ciências. Ela delimita uma linha histórica e lógica de evolução do pensamento humano, e acomoda as correntes ideológicas. A palavra Epistemologia vem do grego, *Epistéme*, e tem uma origem interessante na filosofia de Platão. O filósofo, discípulo de Sócrates, começou a pensar sobre o conhecimento humano, e concluiu que o conhecimento científico, ao contrário do mitológico, é que era capaz de “iluminar” e libertar a alma humana. Para ele, os homens estariam presos em um mundo das sensações, das crenças, paixões, ilusões e coisas relacionadas aos sentidos. O pensador, então, denominou esse tipo de conhecimento de *doxa*. Mas existiria um outro mundo, de acordo com Platão, iluminado e livre, em que o sol seria o conhecimento puro. Um mundo das ideias, do pensamento científico, lógico, racional e verdadeiro, o mundo da *epistéme*. Logo, a epistemologia é, justamente, a racionalização da racionalidade, o estudo do conhecimento e da ciência, o estudo do mundo das ideias pensado por Platão (APPOLINÁRIO, 2015).

Partindo do entendimento de que um posicionamento, seja ele qual for, não é isolado e tem origens teóricas, podemos empregar esse pressuposto na realidade histórica, social e cultural do mundo em diferentes momentos. E para que se desenvolva uma análise do caso de forma coesa, é necessário destacarmos algumas questões que ocorreram a partir do ano de 2016.

Por isso, vamos nos dedicar, antes de prosseguir, a entender quais questões são essas e quais realidades foram criadas a partir delas.

No contexto político, destaca-se a ascensão da direita radical em diversos países do mundo num histórico recente. Em 2016, Donald Trump foi eleito o 45º presidente dos Estados Unidos, numa disputa acirrada contra a democrata Hillary Clinton. Paralelamente, Dilma Rousseff sofreu um processo bem-sucedido de impeachment no Brasil, e foi seguido por uma onda de discursos de ódio sendo levantados ao longo de todo o globo. Posteriormente, Jair Bolsonaro foi eleito chefe do poder executivo do Brasil, sob uma campanha incitadora de ódio, fake news e aumento da polarização já existente. O mundo consolidava sua divisão entre esquerda e direita que se odiavam, e os termos "fascista" e "comunista" passaram a ser usados para ofender quem era do posicionamento contrário.

Essa onda não ocorreu somente no Brasil e nos Estados Unidos, mas também na Hungria, com Viktor Orbán, na Espanha com o partido Vox, e em diferentes países europeus (Polônia, Áustria, Itália, Suíça, Dinamarca, Filipinas, Turquia e Noruega) e alguns países da América Latina: Mauricio Macri, na Argentina; Iván Duque, na Colômbia; Martín Vizcarra, no Peru; Enrique Peña Nieto, no México; e Sebastián Piñera, no Chile (KOKAY, 2018).

Para além disso, não foi apenas na política que o radicalismo se implantou. Discursos de ódio surgiram também na religião, na cultura, nos movimentos sociais, na saúde, na educação e até no combate ao desmatamento. Na mensagem de Natal de 2021, o Papa Francisco pediu diálogo, e criticou a polarização (WELLE, 2021). Com a pandemia do novo coronavírus que emergiu em 2020, boa parte dessa polarização veio à tona. Um dos momentos marcantes foi a decisão dos líderes políticos de realizar ou não o isolamento social. No Brasil, Bolsonaro, por exemplo, se posicionou negando a severidade do vírus. Além disso, a vacinação passou a ser um tema polêmico no mundo todo, com milhões de pessoas se recusando a se vacinarem e fortalecendo o movimento Antivax (WELLE, 2021).

Passando para nosso ponto de atenção, essa polarização se reverberou no campo dos movimentos sociais, incluindo o feminismo. O feminismo é atacado por vertentes religiosas, que dizem que não é possível ser feminista e participar daquela fé, é atacado por conservadores, por instituições e até mesmo por mulheres. Em alguns lugares, e para alguns grupos de pessoas, a palavra "feminista" virou adjetivação pejorativa, um tipo de xingamento. Para intensificar o

escárnio, surgiu até o termo “feminazi”, com apologia ao nazismo, para se referir a feministas radicais.

De acordo com Cardoso e Silva, “O feminismo pode ser definido como o movimento social que reivindica a melhoria das condições de vida das mulheres e reconhece que homens e mulheres, apesar das suas diferenças, são equivalentes” (2018, p. 01). Ao discorrer acerca do tema, Chimamanda Ngozi Adichie, em seu Ted Talks, “The danger of a single history”, afirma que feminista é: “uma pessoa que acredita na igualdade social, política e econômica dos sexos¹” (ADICHIE, 2009). No entanto, as próprias feministas se dividem entre feministas radicais, liberais, interseccionais, marxistas, e acabam provocando rixas entre si, diminuindo o avanço do movimento (HEYWOOD, 2006).

Esses desencontros podem ser vistos numa entrevista para a Jovem Pan², em 2019, em que Ana Campagnollo (PSL), deputada estadual antifeminista, diz, argumentando contra Manuella D’ávila, que uma das falhas no feminismo é que cada mulher diz uma coisa, e, nesse caos, todas se chamam feministas, mesmo que defendam coisas diferentes. Na mídia oficial e nas redes sociais, há quem demonize a corrente de pensamento, e há quem seja a favor da radicalização do feminismo. Além disso, pode ser difícil entender a coerência dos discursos feministas, em meio a tantas correntes.

Mas, se pensarmos que as ideologias que se tornaram radicais na sociedade não são inéditas nem estão “sozinhas” no tempo e espaço presentes, talvez possamos começar a “desembaraçar” esta “teia” de discursos de ódio. Entendendo de onde vem cada um desses posicionamentos, podemos dar racionalidade a eles e torná-los mais coesos, entendendo o que uma teoria, que resulta em tal opinião, delimita como aceitável, e o que rejeita naturalmente. Assim, a Epistemologia poderia nos oferecer um certo “mapa” de relacionamento social, neste contexto citado.

O que este trabalho se presta a fazer é buscar indícios de aplicação da epistemologia a uma análise da representação dos feminismos, enquanto uma amostra do contexto polarizado contemporâneo. Mas como analisar posicionamentos acerca de um movimento que possui séculos de história e que aconteceu em muitas partes do mundo?

1 No Inglês: “A person who believes in social, political and economic equality between sexes.”

2 <https://jovempan.com.br/programas/panico/manuela-davila-e-ana-campagnollo-discutem-sobre-esquerda-e-feminismo.html>

O Jornalismo é uma das formas eficazes de acompanhar a agenda social. Se pudermos acompanhar o que os jornais e jornalistas estão dizendo, poderemos ter, em alguma medida, um retrato social, afinal, o Jornalismo influencia de certa maneira a opinião pública. Sendo assim, se formos bem-sucedidos em fazer uma análise prática de quais as correntes do feminismo que estão sendo abordadas no jornalismo brasileiro, talvez possamos ter uma amostra do posicionamento dos leitores deste jornal.

Diante disso, o que este trabalho propõe é **investigar se existe predominância de alguma corrente feminista na reportagem “Johnny Depp x Amber Heard: resultado do julgamento pode desestimular denúncias de violência doméstica?” da Folha de São Paulo e quais as linhas epistemológicas essa corrente pertence?**

O tema escolhido para nortear meu trabalho de conclusão de curso é a junção das duas coisas que mais me empolgam e fazem sentido para mim. Estudar a origem do pensamento, do conhecimento e da ciência, e tentar “organizar” as linhas de pensamento é a coisa que mais gosto de fazer e pensar sobre. Além disso, terminando minha formação como jornalista, quero seguir na área de jornalismo feminista, ou para mulheres, e as desigualdades e violências de gênero são as questões que mais me indignam, que eu saiba, no mundo. A junção das duas coisas resultou na escolha do tema de estudo.

A pesquisa que se propõe é um estudo exploratório da representação das pautas feministas no jornalismo, em especial na reportagem selecionada. Em um levantamento de pesquisas similares em trabalhos científicos, pode-se encontrar muitos trabalhos que buscam produzir uma epistemologia feminista, ou seja, colocam a perspectiva feminista no campo científico. Além disso, também há estudos que analisam como o feminismo é retratado na mídia. No entanto, a proposta deste trabalho é relativamente nova, aliando uma organização das teorias feministas com a análise do discurso jornalístico. Ou seja, aqui, é feito o contrário: a epistemologia é inserida no feminismo. Dessa forma, a relevância científica é ampliar o arcabouço científico sobre teoria feminista e sobre discurso jornalístico e a relação dos dois campos de estudos.

A relevância social deste trabalho é tentar facilitar não apenas a compreensão, mas até mesmo o diálogo entre diferentes feministas e grupos sociais, por meio de uma organização epistemológica. Ao tentar explicar quais abordagens feministas estão sendo representadas no jornalismo, pode-se amenizar o clima de rivalidade entre quem defende diferentes correntes.

Além disso, entende-se que algumas questões defendidas pelo feminismo que giram em torno dos direitos humanos das mulheres, como a luta contra a violência doméstica, podem acabar sendo prejudicadas pelas controvérsias estabelecidas. Considera-se que essas questões são inegociáveis, já que colocam a vida das mulheres em risco. Sendo assim, este trabalho pode, inclusive, facilitar uma coesão que culmine numa luta mais eficaz pelos direitos das mulheres.

O objetivo geral desta monografia é, portanto, analisar exploratoriamente a presença do discurso feminista na reportagem “Johnny Depp x Amber Heard: resultado do julgamento pode desestimular denúncias de violência doméstica?”, propondo uma organização epistemológica para as diferentes correntes do movimento. Os objetivos específicos são discorrer sobre os estudos feministas e suas relações com a epistemologia da ciência; descrever as possíveis relações entre as ondas do feminismo e diferentes visões epistemológicas; localizar no discurso midiático a presença das ondas feministas e de indícios epistemológicos que amparem a argumentação e contribuir para uma visão menos antagônica acerca dos debates sobre o feminismo.

A monografia é formada por seis capítulos, sendo o primeiro este que se lê, o segundo em que é feita uma revisão de algumas das principais correntes epistemológicas ao longo da história; o terceiro em que se explica os conceitos, correntes e ondas do movimento feminista, o quarto em que é feito um levantamento dos principais pontos da análise do Discurso, e em que se encontram as decisões metodológicas desta pesquisa; o quinto, em que se encontra a análise, e o sexto, as considerações finais seguida das referências utilizadas no trabalho.

2 EPISTEMOLOGIA DO CONHECIMENTO

A Epistemologia é uma ciência que se dedica a estudar a própria ciência. De acordo com Gelson João Tesser (1995), a palavra vem do Grego, com a união dos termos “*Episteme*” (conhecimento científico) com “*Logos*” (lógica, estudo, discurso). Essa ciência se insere dentro nos estudos de Filosofia, e se mistura, em parte, com a área de “Teoria do Conhecimento”. Ela tem como objetivo fazer uma reflexão acerca do próprio conhecimento, e do pensamento científico. Como afirma Gelson João Tesser (1995),

Epistemologia é a ciência da ciência. Filosofia da ciência. [...] É a teoria do conhecimento. A tarefa principal da epistemologia consiste na reconstrução racional do conhecimento científico, conhecer, analisar, todo o processo gnosiológico da ciência do ponto de vista lógico, linguístico, sociológico, interdisciplinar, político, filosófico e histórico. (TESSER, 1995, p. 92)

Sendo assim, a reflexão acerca do próprio pensamento serve para a construção de um mapa, que separa em famílias, linhas e linhagens as teorias e pensamentos. Alguns dos principais pensadores que podem ser considerados originários de linhas epistemológicas, de acordo com Appolinário (2012) são Sócrates, que originou o tipo de pensamento chamado de ironia, e que dividiu a filosofia grega em pré e pós socrática; Platão, de onde surge a corrente do Idealismo; Agostinho, defensor da doutrina cristã; Bacon, que defendeu a observação aliada à experimentação; Descartes, que criou a dúvida metódica, ainda utilizada como método atualmente; Hume, criador do empirismo; Comte, originário do positivismo; e Kuhn, que criou o conceito de paradigma científico, entre alguns outros. (APPOLINÁRIO, 2012).

De uma maneira mais fácil, podemos explicar a epistemologia com alguns exemplos cotidianos. “Ciência se faz com teoria e método”, é o que afirma a pesquisadora Maria Cecília Minayo (2002). Quando um pesquisador vai fazer ciência, geralmente ele se baseia em conhecimentos já existentes, e adiciona sua contribuição àquela área do conhecimento, no entanto, é necessário que se defina qual vai ser a forma como essa pesquisa será feita. Por exemplo, se você quer descobrir qual é o melhor bolo de chocolate de uma cidade, você pode investigar de diversas formas: pode perguntar ao máximo de moradores possível qual é o melhor bolo de chocolate da cidade, pode experimentar todos os bolos que você encontrar, ou pode medir a quantidade de açúcar, farinha e nutrientes de cada um. Além disso, você pode estar interessado em descobrir qual é o melhor bolo do ponto de vista nutricional, do ponto de vista estético, do ponto de vista do prazer do consumidor, ou de vários outros pontos de vista.

Em uma pesquisa científica, no entanto, os parâmetros para análise se diversificam, tornando mais complexa a realização do estudo. São muitos os caminhos e, antes de começar a pesquisar, o cientista deve escolher qual será o seu. Essa escolha se refere à metodologia científica que será usada na pesquisa. A epistemologia é a ciência que reúne e organiza as diversas correntes epistemológicas e metodológicas em “famílias” e grupos relacionados. É como se o pensamento fosse um grande volume de água, e a metodologia o caminho pelo qual ela deve correr, se tornando um rio. A epistemologia seria como um mapa de todos os rios que existem, ou, pelo menos, do maior número possível deles.

2.1. RACIONALISMO

O racionalismo é uma corrente epistemológica e metodológica de pensamento que defende que o conhecimento verdadeiro provém da razão, da lógica e da mente humana. Nessa linha, o saber deve ser puro e existe de forma pronta no mundo das ideias, e nos cabe alcançá-lo, de acordo com Charlie Huenemann (2012).

Em suma, o racionalismo sustenta que a mente humana possui em si a chave para a compreensão da estrutura da realidade última. Para descobrir a mais profunda realidade, é suficiente observar seu interior. (HUENEMANN, 2012, p. 2)

O racionalismo nasce junto com a filosofia, na Grécia Antiga, aproximadamente 600 a.C., com os filósofos pré-socráticos. Até então, havia uma predominância do pensamento mitológico para explicar os fenômenos da natureza. Em Mileto, uma cidade portuária, algumas pessoas, chamadas filósofos, começaram a esboçar explicações racionais para o mundo. O primeiro que se tem registro é Tales de Mileto (625-548 a.C.) e seus seguidores, Anaximandro e Anaxímenes. Os três fundaram a escola de Mileto (APPOLINÁRIO, 2012). Os três primeiros filósofos buscavam descobrir de onde vinham e para onde iam as coisas do mundo. Eles achavam que existia um referencial comum em todas as coisas, em uma certa unidade, a que chamaram *arché*. Eles atribuíram a *arché* a elementos da natureza. Seguindo a cronologia, Pitágoras veio em seguida e propôs uma explicação para o mundo em que a base para todas as coisas eram os números. Ele foi muito importante para consolidar o pensamento racional, pois os números faziam parte de um conhecimento não mitológico (APPOLINÁRIO, 2012).

Segue-se a ele talvez o mais importante filósofo antigo, Sócrates. Toda a filosofia grega é dividida entre pré- e pós-socrática. Sócrates propôs um método de pensamento marcado por duas etapas: a ironia e a maiêutica. Na primeira fase, seus interlocutores eram conduzidos a

reconhecer a própria ignorância e os limites do seu conhecimento. Em seguida, eram levados a alcançar os saberes que já existiam em si mesmos, de maneira particular. É importante perceber, de acordo com Appolinário (2012), que Sócrates via uma certa superioridade dos conhecimentos racionais sobre os conhecimentos anteriores que as pessoas possuíam, provenientes da experiência e dos mitos.

Seu discípulo Platão, muito influenciado pelo mestre, começou a pensar sobre o conhecimento humano, e concluiu que o saber científico, ao contrário do mitológico, é que era capaz de “iluminar” e de libertar a alma. Para ele, os homens estariam presos em um mundo das sensações, das crenças, paixões, ilusões e coisas relacionadas aos sentidos. Ele denominou esse tipo de conhecimento de *doxa*. Além desse, existiria um outro mundo, de acordo com Platão, iluminado e livre, em que o sol seria o conhecimento puro. Um mundo das ideias, do pensamento científico, lógico, racional e verdadeiro, o mundo do *episteme* (APPOLINÁRIO, 2012). Mais uma vez, encontramos no filósofo uma valorização do racionalismo.

O último dos filósofos da filosofia grega antiga, Aristóteles, era também discípulo de Platão. Aristóteles cria a lógica, e, inclusive, é responsável pela origem de uma metodologia de argumentação com base na razão: o silogismo.

Com Aristóteles, não apenas vemos reforçada a ideia da primazia da razão sobre os sentidos, como também temos acesso ao primeiro grande empreendimento histórico, levado a cabo por um único indivíduo, que logrou assentar as bases da ciência do discurso - divididas em quatro elementos: a *poética*, a *retórica*, a *dialética*, e a *analítica* (que hoje denominamos *lógica*). (APPOLINÁRIO, 2021, p. 21)

O pensamento racionalista vai ser defendido também por um filósofo séculos depois, já na época da Renascença, René Descartes. O filósofo era também um matemático, responsável pela criação do método cartesiano, da dúvida metódica e do plano cartesiano. Em seu livro *Discurso sobre o método*, Descartes propõe quatro passos para que um conhecimento seja considerado verdadeiro: primeiro, de colocar todas as coisas em dúvida; segundo, de dividir o objeto analisado em tantas partes quanto possível; terceiro, de duvidar das partes na ordem da mais simples para a mais complexa; e quarto, de ser realmente minucioso a ponto de não deixar passar nada (APPOLINÁRIO, 2012).

O que podemos encontrar de denominador comum entre os filósofos mencionados acima, e considerados por Appolinário (2012) como parte de uma mesma corrente epistemológica, é a valorização do pensamento racional e lógico em detrimento daqueles que

provém de crenças, mitos, certezas sem fundamento e das sensações. O racionalismo é, portanto, uma metodologia que contempla todos esses filósofos e, até hoje, é utilizado como norteador de pesquisas científicas.

2.2. EMPIRISMO

Em contrapartida ao Racionalismo, existe o Empirismo, que é outro pilar fundamental da metodologia do pensamento (APPOLINÁRIO, 2012). A palavra “empirismo” vem do grego, *empeiria*, que significa experiência. O método empírico é marcado por diversos pensadores ao longo do tempo que defendem a importância do conhecimento adquirido pela experiência, ou seja, pelos sentidos humanos. No exemplo dado anteriormente, o método empírico de se descobrir qual é o melhor bolo de chocolate vendido em uma cidade, seria experimentar cada um deles.

De acordo com Appolinário (2012), o primeiro filósofo empirista foi Demócrito, um sofista³ grego que viveu por volta de 400 a.C. Demócrito é conhecido no campo da Química, pela sua teoria do átomo. Ele foi o primeiro a imaginar que todas as coisas eram formadas por “partículas eternas, indivisíveis e indestrutíveis” (APPOLINÁRIO, 2012). Para ele, tudo o que existia era matéria, e então as ideias eram apenas um produto dela.

Seu sucessor foi Epicuro, outro filósofo grego, conhecido pelo seu paradoxo que questiona a existência de Deus. No entanto, quanto ao empirismo, ele afirmava que a sensação era a maior fonte para produção de conhecimento. Partindo da teoria do atomismo⁴, ele considerava que as agitações provocadas nos átomos é que originavam o conhecimento (APPOLINÁRIO, 2012).

Outro importante pensador para o empirismo é, segundo Appolinário (2012), Francis Bacon, que afirmava, em sua obra, *Novum organum*, que “o princípio de todo o conhecimento era a observação da natureza” (APPOLINÁRIO, 2012, p. 23). Para ele, essa observação deveria ser livre das imperfeições e parcialidades a que os seres humanos estão sujeitos, o que ele

3 Do Grego, *sophistés*, era aquele que tinha por profissão a arte de ensinar a sabedoria e a arte de falar em público. Que argumenta com sofismas (argumento aparente, que serve ao propósito [...] de ganhar a qualquer preço uma contenda ou discussão (HOLANDA, 2010, p. 707).

4 O atomismo foi uma doutrina filosófica, formulada inicialmente no século V a.C., na Grécia, por Leucipo e seu discípulo Demócrito de Abdera. Podemos considerá-la uma resposta para um dos problemas fundamentais apresentados pela filosofia grega, qual seja, o do entendimento do caráter mutável do nosso mundo, com a resolução do conflito entre o conceito de ser e a percepção da mudança (PORTO, 2013).

chamou de *ídolos*. Nesta obra, Bacon se dedica a categorizá-los em: ídolos da tribo (referentes ao excesso de confiança nos sentidos), da caverna (fruto das imperfeições pessoais, como personalidade), do teatro (provenientes da autoridade de outrem) e do foro (resultado das relações com outras pessoas, e da limitação da linguagem). (APPOLINÁRIO, 2012)

Entretanto, uma das principais contribuições de Bacon para o empirismo foi a criação do método indutivo. O método indutivo é aquele em que um conhecimento é obtido partindo de um caso particular e indo para um caso universal. Nesse método, considera-se o conhecimento *à posteriori*, ou seja, após a experiência (APPOLINÁRIO, 2012). Por exemplo, estudando os átomos, um por um, poder-se-ia constatar que eles eram indestrutíveis, e, portanto, assumir que todos são.

O método indutivo se contrapõe ao método dedutivo, que produz o conhecimento partindo do universal e indo para o particular. Esse conhecimento é obtido *à priori*, ou seja, antes da experiência. Por exemplo, ao saber que todos os átomos são indestrutíveis, você poderá saber que um átomo de carbono não pode ser destruído, mesmo sem tentar destruí-lo.

No entanto, talvez o mais conhecido filósofo do empirismo seja o inglês David Hume (1711-1776). Hume fez uma grande crítica aos seus contemporâneos que estudavam a metafísica⁵. Para o filósofo, todo conhecimento humano só é adquirido por meio dos sentidos e da experiência empírica. Seria impossível, portanto, que existissem conhecimentos puros, frutos de uma razão independente da experiência. Sendo assim, não poderia existir um saber não necessário (como as leis da natureza) adquirido *à priori* (MORRIS; BROWN, 2001).

Expoente do empirismo e forte crítico do racionalismo, [Hume] defendeu a ideia de que todos os nossos conhecimentos provêm dos sentidos. Para ele, nossas ideias acerca do mundo eram meras consequências da associação mental e da organização das nossas percepções. (APPOLINÁRIO, 2012, p. 19)

Outro ponto crucial é que, segundo o autor, o conceito de causalidade não existiria, mas seria apenas efeito do hábito. Ou seja, nenhum evento conteria em si mesmo a causa do evento sucessor. Mas, por outro lado, o ser humano possui a impressão de conhecer a relação causa-efeito por observar os mesmos eventos se sucedendo várias vezes, o que não passa de mero hábito.

5 Estudo sistemático dos fundamentos da realidade e do conhecimento (HOLANDA, 2010, p. 502).

Os métodos racionalista e empirista, até certo tempo, foram considerados antagônicos tanto na filosofia da ciência quanto na execução dela. No entanto, no século XVI Galileu Galilei propôs uma conciliação entre ambos os métodos. Ele criou uma proposta, que envolvia os passos fundamentais das duas teorias anteriores. O método científico moderno, usado atualmente em muitas áreas do conhecimento, é caracterizado pela utilização tanto do método racional quanto do empírico. Criado por Galilei, esse método é composto pelas etapas da observação, geração de hipóteses, experimentação, mensuração, análise e conclusão (APPOLINÁRIO, 2012).

2.3. POSITIVISMO

O positivismo é uma corrente de pensamento que vai além da esfera científica, alcançando também a filosofia e a religião. Ela é talvez uma divisora de águas no campo das metodologias científicas, e ainda muito utilizada nas pesquisas das ciências exatas. O positivismo, no entanto, tem origem em um só pensador, Auguste Comte. Comte viveu na França logo após a Revolução Francesa, sendo, então, um dos primeiros cientistas do período contemporâneo, que se iniciou em 1789. Ele é considerado o criador da Sociologia (APPOLINÁRIO, 2012).

O positivismo propunha uma forma de fazer ciência e de conhecer as coisas muito real, útil, certa e precisa. Para ele, não se deveria fazer juízos sobre a natureza, mas apenas observá-la e descrevê-la. É dessa forma, segundo Comte, que o método científico deve se dar, deixando de lado a subjetividade e as interpretações (APPOLINÁRIO, 2012).

Além disso, Comte propôs a teoria dos três estados, segundo a qual a humanidade evolui passando sempre por eles: o teológico (em que os fenômenos eram explicados como resultado da ação de agentes sobrenaturais), o metafísico (em que os agentes sobrenaturais eram substituídos por forças abstratas) e, então, o positivo. A meta é sempre alcançar o estado positivo (APPOLINÁRIO, 2012).

[...] no estado positivo, o espírito humano, reconhecendo a impossibilidade de obter noções absolutas, renuncia a procurar a origem e o destino do universo, a conhecer as causas íntimas dos fenômenos, para preocupar-se unicamente em descobrir, graças ao uso bem combinado do raciocínio e da observação, suas leis efetivas, a saber, suas relações invariáveis de sucessão e similitude. (COMTE, 1830 *apud* APPOLINÁRIO, 2012).

O positivismo também propõe uma lógica em que algumas ciências eram mais positivas que outras, de forma que as ciências naturais e exatas eram consideradas melhores que as ciências humanas e a filosofia. Ademais, a natureza, em si só, possuía uma ordem, que levava, obrigatoriamente, ao progresso. Cabia, então, ao homem, não atrapalhar esse sistema. A meta da ordem era sempre atingir o progresso, e este era necessário para a sociedade moderna, segundo Comte (APPOLINÁRIO, 2012).

Sendo assim, o positivismo, enquanto primeira metodologia científica da idade contemporânea, construiu uma proposta de conhecimento em que as subjetividades humanas devem ser deixadas de lado, e a ciência deveria ser objetiva e útil.

2.4. DIALÉTICA

Fazendo um passeio pela história da filosofia e da ciência, já falamos sobre o surgimento do pensamento racional, na Antiguidade grega, passamos pelo fim da era a.C., percorremos as ideias renascentistas, com Bacon e Descartes, alcançamos o Iluminismo com Hume e o início da contemporaneidade com Comte. Agora, já existem pesquisas científicas, universidades, e até mesmo as ciências sociais. Avançando no campo da história, chegamos a um filósofo alemão contemporâneo a Comte, muito importante para os próximos passos de nossas reflexões: Friedrich Hegel (1770-1830).

Hegel era um filósofo idealista, que acreditava que as coisas que existem na realidade não são o todo, mas que existe muito mais em uma realidade ideal. Para ele, até mesmo o homem não existe completamente no tempo-espaço. De acordo com o filósofo, a realidade não existe fora do pensar, e o pensamento é de onde surgem todas as coisas. Por isso, Hegel se dedica a estudar a história e a evolução do mundo partindo das ideias, e pensando como as correntes de pensamento foram sendo superadas ao longo do tempo (BAVARESCO, 2018).

O idealismo de Hegel afirma que tudo está supracompreendido no pensar, inclusive o próprio sujeito pensante. Não apenas o finito é ideal, mas também o ser para si é ideal, no qual o finito é ideal ou está supracompreendido. Tudo está no pensar. O ser para si é um ser que apenas pensa a si mesmo (BAVARESCO, 2018, p. 356).

Além disso, para Hegel, a própria filosofia é um idealismo, baseando-se nos conceitos de finito e infinito. Segundo ele, o que está disponível para a filosofia na realidade humana é finito e se esgota. No entanto, existe o infinito, e a verdade absoluta, apesar de não

conseguirmos atingi-la. Portanto, o que resta para o homem é o idealismo de conformar-se (BAVARESCO, 2018).

Partindo da lógica idealista, Hegel se dedicou a estudar como a história se desenvolve e se desenvolveu até então, partindo sempre do campo das ideias vigentes. Então, Hegel elabora uma metodologia científica: a dialética. Esse método de pensamento considera que a história evolui por meio de três etapas, que se repetem em movimento de espiral: a tese, a antítese e a síntese. Em um primeiro momento, existe um pensamento vigente, uma tese. No entanto, ela é imperfeita, e, em algum momento, será questionada e posta à prova, momento em que acontece a antítese. Com a conciliação da tese e da antítese, elabora-se uma solução para o problema, fazendo surgir uma nova proposição: a síntese. Posteriormente, a síntese será novamente posta à prova, repetidamente, ao infinito (UTZ, 2005).

Assim, Hegel explicava que os pensamentos que existiam, existiam até serem questionados, e depois surgia um novo, mais próximo da verdade. Para ele, a história se movimentava seguindo esses três pontos, formando quase círculos completos, mas, a cada nova síntese, se estava um pouco mais à frente. Sendo assim, Hegel desenhou a história como uma espiral, em 3D (UTZ, 2005).

Resta constatar que com a segunda negação, a negação da negação, o negar não foi simplesmente reiterado, mas, em comparação à Primeira Negação, se efetuou um novo modo de negar. Ao contrário da primeira, essa negação agora conduziu de novo a uma imediatidade, ainda que não à imediatidade indiferenciada (i.e. a “imediatidade imediata”) do início. [...] Com isso, de um certo modo, um círculo se fechou (12/251, 252), mesmo que assim o início não seja simplesmente idêntico ao ponto final – como é no caso de um círculo geométrico – o que transformaria o processo lógico em movimento circular vazio. (UTZ, 2005, p. 178).

Assim, Hegel foi quem inaugurou um método científico, que se baseava no idealismo filosófico, e propunha a análise da história partindo dos pensamentos dos homens. Cabe ressaltar que Hegel não foi o primeiro nem único filósofo a defender o Idealismo, mas que nos determos nele pela necessidade de definir um *corpus* limitado em uma pesquisa preliminar de graduação.

2.5 MATERIALISMO HISTÓRICO DIALÉTICO

A corrente de pensamento que iremos abordar agora, de forma preliminar, é fruto do trabalho de Karl Marx (1818-1883), e pode ser entendida como mais que uma corrente

epistemológica, mas também metodológica, filosófica, sociológica, política, social e econômica (NETTO, 2011). O materialismo histórico dialético é a metodologia científica proposta por Marx como forma de entender e estudar o mundo ao nosso redor.

Para o autor, a filosofia e a ciência que eram feitas, até então, eram burguesas, ou seja, estavam a favor da burguesia⁶. Nesse raciocínio, as teorias idealistas, que partiam de um mundo de ideias e discutiam coisas abstratas eram apenas de interesse da classe burguesa - aquela que explora o proletariado⁷. Sendo assim, era necessário fazer um percurso teórico que não fosse instrumento da exploração de classes, mas que fosse capaz de libertar o proletariado. (SILVA, 2018).

[...] a tarefa ideológica burguesa consistiu em limitar ou negar o papel revolucionário da razão, justamente quando o modo de produção capitalista se consolidou, exigindo uma classe conservadora, que restringiria as possibilidades da razão emancipadora e a converteria aos fins de justificação teórico-metodológica ao existente e à conformação social aos interesses da acumulação. (SILVA, 2018, p. 36).

Sendo assim, Marx propõe uma ciência materialista, que parte do ponto de vista do mundo real, como ele é. Segundo ele, era necessário olhar para as coisas como elas são, na imanência⁸, de uma forma estritamente ontológica⁹, sem idealizar nada. Além disso, para ele, não era possível alcançar a verdade analisando a realidade individual ou parcial, mas era necessário estudar o todo, assim como ele é, realmente (SILVA, 2018).

Esse movimento de apreensão da realidade, no método marxiano, não pode se originar de tematizações autônomas, como o fizeram os pensadores dos métodos especulativos. Ao contrário, o método marxiano parte da atividade objetiva, da práxis social, devido sua centralidade sobre a questão ontoprática. (SILVA, 2018, p. 44).

6 A burguesia consiste na classe social dominante dentro do sistema capitalista. Trata-se, na prática, daquele grupo de pessoas que detém os bens de produção ou o capital. Originalmente, o termo burguesia está associado ao vocábulo “*burgos*”, como eram chamadas as pequenas cidades que surgiram com o renascimento da atividade comercial no fim da Idade Média (MORAES, 2019).

7 Termo que surgiu na Roma Antiga e definia “cidadãos livres e pobres, cujas proles poderiam servir como soldados para o Império” (ZANIEWSKI, 1957. *apud* LINDEN, 2016). Para Marx, esse conceito era usado para designar as pessoas sem nenhuma propriedade (LINDEN, 2016).

8 A imanência significa aquilo que está incluso no interior do ato cognitivo. [...] possui o significado daquilo que é evidente, ou seja, está absolutamente dado (MACEDO, 2017, 142).

9 Na Filosofia, o termo Ontologia possui sua origem na Metafísica, segundo Aristóteles é a Filosofia Primeira que trata do estudo do ser enquanto ser. Apropriando-se da obra de Chauí (2003), a palavra ontologia é formada por outras duas: onto que significa “o Ser” e logia, “estudo ou conhecimento”. Assim, Ontologia significa “estudo ou conhecimento do Ser, dos entes ou das coisas tais como são em si mesmas, real e verdadeiramente” (SCHIESSL, 2007, 174).

Dentro desse contexto do ser humano como agente principal na criação dos fatos, Marx defende que o fazer científico deve ser baseado em uma compreensão histórica do mundo. Marx se inspira, nesse ponto, em Hegel, que fazia uma análise da evolução histórica das ideias. No entanto, o que Marx propõe é que essa análise seja feita partindo da matéria (SILVA, 2018).

Para o autor, a história precisa ser o ponto central de estudo, pois ela revela a verdade dos fatos, promovendo uma maior lucidez para o proletariado de sua condição no mundo, e tornando a análise ainda mais real e imanente (SILVA, 2018). Além disso, o conceito histórico em Marx se trata de uma observação dos fatos passados para compreender melhor o presente e pensar em alternativas para o futuro. Por exemplo, ao observar a história, Marx percebeu que a principal questão que criava a opressão era econômica. (NETTO, 2011).

Mas a nossa [de Marx e dele] concepção da história é, sobretudo, um guia para o estudo [...] É necessário voltar a estudar toda a história, devem examinar-se em todos os detalhes as condições de existência das diversas formações sociais antes de procurar deduzir delas as ideias políticas, jurídicas, estéticas, filosóficas, religiosas etc. que lhes correspondem. (ENGELS *apud* NETTO. 2011, p. 13).

A última característica do método proposto por Marx é a dialética. Como apresentado no tópico anterior, a dialética é o método científico proposto por Hegel, antecessor de Marx, em quem este se inspirou em grande parte. Marx, no entanto, não se apropria da dialética hegeliana, ele propõe uma nova dialética, afinal, ele tece críticas à forma idealista de ver o mundo, como já comentamos anteriormente.

O que Marx fez, e que muitos explicam como uma “inversão” da dialética, é propor uma análise da história que seguisse, como proposto por Hegel, uma tese, antítese e síntese, mas que não partisse das ideias, mas sim, da matéria. O que Marx trouxe de novo foi a compreensão de que a realidade é que transforma as ideias. Para Marx, a consciência e os pensamentos são produtos da matéria, e, portanto, deve-se buscar alcançar uma síntese material, que fosse capaz de transformar o todo. Por outro lado, Hegel acreditava no contrário: para ele, a realidade era produto das ideias, e quando as ideias alcançassem a síntese absoluta, os problemas sociais também estariam resolvidos. (SALATIEL, 2008). Partindo dessa lógica, Marx entendia que a burguesia seria a tese, e o proletariado sua antítese. A síntese seria o fim da sociedade de classes, e a criação de uma sociedade igualitária. (SALATIEL, 2008).

Portanto, Marx instituiu o método materialista histórico-dialético, em que propunha uma forma de estudar o mundo antagônico ao idealismo, e em que a realidade seria o ponto central,

de partida. Além disso, ele propôs um estudo da história como base para a compreensão do mundo e enxergou o avanço da história de uma maneira dialética. No entanto, a dialética proposta por ele não era a mesma que Hegel, mas sim uma dialética materialista.

Diante das correntes epistemológicas expostas¹⁰, nos cabe esclarecer que existem muitas outras metodologias do pensar, que não são possíveis de serem contidas neste trabalho preliminar. De fato, são muitos autores que poderiam estar aqui expostos, mas por uma questão de viabilidade não foram citados. Além disso, nas próprias correntes expostas, há, de fato, uma imensa quantidade de conteúdo a mais do que o contido neste capítulo.

Apesar de toda a importância da epistemologia, existem críticas a ela. O filósofo austríaco Paul Feyerabend (1924-1994), em seu livro, *Contra o Método*, defendeu que a ciência não deveria seguir método pré-estabelecido algum, pelo contrário, ela devia ser livre e humana. Para ele, a ciência só, de fato, avançaria quando os métodos fossem quebrados. Além disso, ele afirmava que os métodos serviam apenas para uma dogmatização e formalização dos estudos, e que prejudicavam tanto o estudo em si quanto o estudioso. (APPOLINÁRIO, 2012).

E é perniciosa, pois a tentativa de fazer valer as regras aumentará forçosamente nossas qualificações profissionais à custa de nossa humanidade. Além disso, a ideia é prejudicial à ciência, pois negligencia as complexas condições físicas e históricas que influenciam a mudança científica. (FEYERABEND *apud* APPOLINÁRIO, 2021, p. 37).

2.6 CIÊNCIAS HUMANAS

Além disso, há outro ponto de dificuldade em aplicar as correntes epistemológicas no fazer científico: a questão das ciências sociais. Em certo ponto, no final do século XIX, com a consolidação das áreas humanas, começou a existir uma certa dificuldade de aplicar as metodologias existentes nas pesquisas das ciências sociais, o que gerou um problema. Além disso, correntes como o positivismo afirmavam que as ciências não exatas eram inferiores às demais.

Essa questão surge do fato de que as ciências sociais são multifatoriais, e não passíveis de uma observação imparcial, objetiva e numérica, o que levou até mesmo ao questionamento da legitimidade das ciências sociais enquanto conhecimento científico. No entanto, o filósofo

10 Não é objetivo deste trabalho esgotar ou mesmo apresentar todas as correntes epistemológicas ou escolas de pensamento, mas apenas as mais conhecidas ou reconhecidas, uma vez que a pesquisa busca indícios de alguma dessas correntes mais conhecidas em textos jornalísticos.

alemão Wilhelm Dilthey (1833-1911) propôs uma solução, em que as ciências exatas corresponderiam a uma explicação do mundo, enquanto as ciências humanas, a uma compreensão dele. (APPOLINÁRIO, 2012).

Outro pensador a compreender o fazer científico das humanidades foi Jürgen Habermas (1929-), que considerava que as ciências naturais seguiam uma lógica objetiva, e as ciências sociais trabalhavam com uma lógica interpretativa. Além disso, Habermas afirma que as ciências sociais devem ultrapassar o mero estudo da sociedade, mas deve também intervir nela. (APPOLINÁRIO, 2012).

Cabe ressaltar que esses pensadores criaram linhas de pensamento até hoje utilizadas para orientar como um trabalho científico deverá ser feito, ou seja, para estabelecer sua metodologia. A epistemologia pode explicar muito dos pensamentos sociais, pois sistematiza uma forma de pensar que se estende ao longo de séculos. É por isso que tentaremos aplicar as correntes expostas aos conceitos de feminismo atuais presentes em reportagens jornalísticas.

3 MOVIMENTO FEMINISTA

Hoje em dia, a palavra “feminismo” é utilizada por muitas pessoas, em diferentes contextos, interpretações e intenções. Ela pode ser usada em tom negativo, como xingamento, ou em tom positivo. Para Heywood, “A ideologia feminista é definida por duas crenças básicas: a de que as mulheres vivem em desvantagem por serem mulheres e a de que essa desvantagem pode e deve ser abolida” (2010, p. 21). No entanto, o feminismo abarca uma diversidade de pontos de vista, posições políticas e lutas diversas ao longo de seus anos de existência, portanto, não é possível fazer uma definição única (HEYWOOD, 2010).

O movimento feminista surgiu no século XVIII, com a Revolução Francesa. Durante esse momento, foi criada a Declaração de Direitos do Homem e do Cidadão, que determinava, basicamente, os Direitos Humanos, de forma restrita aos homens (SILVA; CARMO; RAMOS. 2021, p. 102). As mulheres, diante disso, começaram a se manifestar, lutando para que esses direitos também fossem delas (SILVA; CARMO; RAMOS. 2021, p. 102). No entanto, o termo “feminismo” ainda não era usado nessa época. Segundo Heywood (2010), a palavra “feminista” foi usada pela primeira vez no século XIX como um termo médico para caracterizar homens com aspecto feminino. O uso da palavra “feminismo” para definir o movimento político de mulheres só começou a ser feito a partir da década de 1960 (HEYWOOD, 2010).

Partindo da definição de Heywood de feminismo exposta acima, seria necessário, primeiro, assumir que as mulheres vivem em uma condição de desigualdade, para, então, começar a combatê-la. Essa é a premissa básica das feministas, que pode ser justificada pelo estilo de vida desigual das mulheres observado ao longo da História. Talvez seja possível entender essa posição de desigualdade apenas analisando a sua ausência na Declaração de Direitos do Homem e do Cidadão - a primeira declaração de Direitos Humanos da História. Nela, as mulheres não foram incluídas, ou seja, elas não eram consideradas nem humanas, nem cidadãs. Esse fato ocorreu no século XVIII, mas o pensamento que o originou já existia há muito tempo. (SILVA; CARMO; RAMOS. 2021, p. 102).

3.1 A OPRESSÃO ÀS MULHERES

O questionamento da legitimidade das mulheres enquanto seres humanos já era feito desde a Idade Média, a que se tem registro. Conta-se que, durante o Concílio de Mâcon da Igreja Católica, no século VI, houve o debate sobre a possibilidade de utilizar o termo “homo” para

se dirigir às mulheres (AQUINO, 2011). Além disso, no Concílio, se questionou se as mulheres possuíam uma alma, como os homens.¹¹

As mulheres não foram tratadas como humanas por muito tempo. De acordo com Heywood (2010), algumas ideias feministas já podiam ser encontradas em civilizações antigas da Grécia e da China (2010). É importante lembrar, também, que, na Grécia Antiga, as mulheres não faziam parte do grupo de cidadãos, o que significava não ter direitos. Para Perrot (2006), as grandes religiões monoteístas tiveram grande participação na legitimação da mulher como um ser secundário, de menor valor. Segundo a autora, “a hierarquia do masculino e do feminino lhes parece da ordem de uma Natureza criada por Deus” (PERROT, 2006, p. 84). Em suas palavras:

As religiões do Livro (judaísmo, cristianismo, islamismo) confiam a Escritura e sua interpretação aos homens. A Bíblia, a Torá, os versículos islâmicos do Corão são da alçada dos homens. (PERROT, 2006, p. 91).

Na Idade Média, a desigualdade feminina continuou se perpetuando. Durante a Inquisição, o livro *Malleus maleficarum* foi publicado, como um guia de como identificar e caçar bruxas. Essas pessoas eram majoritariamente mulheres, que deviam ser tratadas com pouca tolerância. Foram aproximadamente 100 mil mortos na fogueira, entre eles 90% mulheres, nos países da Alemanha, Suíça, França, Itália e Espanha. As bruxas eram acusadas de ofender a razão e a medicina, de praticar magia, de ter uma sexualidade desregrada, e de ter contato com o diabo. Por isso, deviam ser purificadas pelo fogo. (PERROT, 2006).

Em 1405, tem-se registro de um livro com ideias feministas, publicado por uma mulher italiana, poetisa e filósofa, Christine de Pisan. Seu livro, *A cidade das Mulheres*, contava histórias de diversas mulheres e defendia seu direito de estudar e de opinar politicamente. (HEYWOOD, 2010).

Avançando na História, o século das Luzes não aboliu o machismo¹². Nessa época, em que se valorizava o conhecimento, as mulheres eram constantemente privadas de estudar, e censuradas caso o fizessem. (PERROT, 2006).

Toda a educação das mulheres deve ser relativa aos homens. Agradá-los, ser-lhes úteis, fazer-se amar e honrar por eles, criá-los, cuidar deles depois de crescidos, aconselhá-los, consolá-los, tornar-lhes a vida agradável e suave: eis

11 Essa afirmação pode apenas se tratar de um mito, de acordo com Perrot (2006) e Aquino (2011).

12 Atitude ou comportamento de quem crê que o homem é socialmente superior à mulher (HOLANDA, 2010).

os deveres das mulheres em todos os tempos, e o que se deve ensinar-lhes desde a infância. (ROUSSEAU *apud* PERROT, 2006, p. 92).

Quer a razão que as mulheres não metam jamais o nariz num livro, jamais a mão numa pena [...] Uma mulher poeta é uma monstruosidade moral e literária, da mesma forma que um soberano mulher é uma monstruosidade política. (MARÉCHAL *apud* PERROT, 2006, p. 93).

É preciso, pois, educar as meninas, e não exatamente instruí-las. Ou instruí-las apenas no que é necessário para torná-las agradáveis e úteis: um saber social, em suma. Formá-las para seus papéis futuros de mulher, de dona de casa, de esposa e mãe. (PERROT, 2006, p. 93).

O século das Luzes (XVIII) se seguiu da Revolução Francesa, quando começou o movimento feminista como conhecemos hoje. No entanto, as questões de desigualdade feminina não se bastam no que foi até aqui exposto. Várias outras questões foram muito atuantes na opressão das mulheres, dentre elas, o trabalho. As mulheres sempre fizeram parte do grupo que exercia o trabalho doméstico, não por escolha, mas por obrigação. Até a industrialização, não se tinha notícia de mulheres que frequentassem o meio de trabalho social (PERROT, 2006).

As mulheres começaram a frequentar as fábricas, de maneira ainda tímida, nos anos 1900. Elas se dirigiam, muitas vezes acompanhadas pelos filhos, até seus locais de trabalho, onde faziam tarefas repetitivas, por até 14h diárias. Lá, elas também eram maltratadas e sofriam assédio sexual. Não participavam das greves, e eram poucas as mulheres presentes em campos como a metalurgia e a mecânica. Os homens, contudo, se sentiam incomodados com sua presença na sociedade (PERROT, 2006). Ainda, segundo a autora,

Os operários temiam a concorrência: esse “exército da reserva” ocasionaria, inevitavelmente, uma diminuição dos salários, dizia Marx. Um homem digno desse nome deve poder sustentar sua família e precisa de uma mulher que cuide da casa. Além do mais, a fábrica, com suas máquinas, sua sujeira, suas promiscuidades sexuais, não era para elas. (PERROT, 2006, p. 119).

Essa situação do trabalho feminino só começou a mudar com a Primeira Guerra Mundial, que foi um marco para as mulheres. Em parte da Europa, as mulheres substituem os homens nas fábricas e na sociedade, pressionando uma mudança social. São criados locais separados para a amamentação, é feita uma divisão de trabalho, contando com mulheres supervisoras. São aproximadamente 300 mil mulheres que vão ao trabalho na França. (PERROT, 2006).

As operárias tornam-se banais. Seguem carreiras mais longas, interrompidas apenas pelas licenças-maternidade que a legislação começa a proteger. [...] são vistas em grande número nas manifestações, com seus cabelos curtos.

Participam das ocupações de fábricas, gerenciam as cantinas e dançam nos bailes. Algumas ousam até tomar a palavra. (PERROT, 2006, p. 121).

Como exposto, as mulheres viviam de maneira subjacente na sociedade. Não possuíam direitos, nem eram consideradas seres humanos. O feminismo, então, surgiu como um movimento das mulheres para reivindicar a legitimação de sua existência de sua dignidade em participar dos mesmos direitos que os homens como pode ser observado no fragmento a seguir:

A mulher era culturalmente, por uma visão patriarcal, confinada ao espaço privado, “do lar”, submissa plenamente à figura masculina, quer fosse seu genitor ou companheiro; e quando casada, era tratada como mero objeto de procriação, considerada como propriedade dos homens, aos quais tinha o dever de obediência e subordinação. As mulheres eram oprimidas, escravizadas, exploradas, abusadas por homens que achavam possuir algum direito sobre a classe feminina. (SILVA; CARMO; RAMOS, 2021, p. 102).

De forma conjunta, as mulheres sofreram diversos tipos de anulações de sua humanidade e de seus direitos de ser humanas durante, praticamente, toda a História da Civilização. Somente a partir da convivência em democracias mais avançadas (HEYWOOD, 2010) é que elas obtiveram a possibilidade de reivindicar condições melhores de vida e o fim da opressão que viviam. No entanto, apesar de grandes avanços, o feminismo ainda existe e continua lutando por uma vida digna para as mulheres, quase 300 anos depois.

3.2 ENCONTROS E DESENCONTROS DO FEMINISMO

Diante das dificuldades enfrentadas pelas mulheres ao longo dos anos, estas resolvem se organizar e lutar por seus direitos de igualdade, em um primeiro momento. No entanto, esse movimento em busca do fim da dominação masculina já possui três séculos de persistência na sociedade. O que nos cabe perguntar é porque ainda é necessária essa luta, e quais foram seus diferentes alvos ao longo do caminho. De acordo com Heywood (2010), existem quatro pontos que são fundamentais em uma análise do feminismo, e que são “pontos comuns” do movimento: a separação entre público e privado, o conceito de patriarcado, os conceitos de sexo e gênero, e os parâmetros de igualdade e diferença entre mulheres e homens.

No primeiro deles, discutimos a separação entre público e privado. Antes de avançar na divisão sexual dos espaços público e privado, é necessário diferenciar o que acontece nesses dois lugares. A noção de política era entendida como aquilo que era feito por mãos humanas, e que podia ser modificado. Ou seja, a política era a pauta pública, a agenda a ser discutida. Na construção da sociedade, a política foi considerada como aquilo que acontecia no espaço

público. Já o que era reservado ao espaço privado eram as coisas de âmbito pessoal e particular, que não deviam ser colocadas em debate. Esse espaço, então, ficou conhecido por ter apenas coisas naturalizadas, imodificáveis, que deviam continuar do jeito que eram. (HEYWOOD, 2010).

Escrever sobre a vida das mulheres é um desafio, afirma Michelle Perrot (2006), porque elas ocuparam apenas o espaço privado durante a maior parte da História. Como o espaço público era frequentado somente pelos homens, no trabalho, na própria política, na vida social, nas resoluções de negócios e, mais antigamente, na caça e na pesca, só eles se tornaram participantes daquilo que era discutido. Já as mulheres, confinadas em um espaço sem holofotes, indiscutível e irrevelável, acabaram escondidas por séculos.

[...] as mulheres são menos vistas no espaço público, o único que, por muito tempo, merecia interesse e relato. Elas atuam em família, confinadas em casa [...] São invisíveis. Em muitas sociedades, a invisibilidade das mulheres faz parte da ordem das coisas. É a garantia de uma cidade tranquila. Sua aparição em grupo causa medo. Entre os gregos, é a *stasis*, a desordem. Sua fala em público é indecente. [...] Até mesmo o corpo das mulheres amedronta. É preferível que esteja coberto de véus. (PERROT, 2006, p. 16-17).

As feministas, então, afirmam que a violência contra a mulher e as desigualdades de gênero se mantiveram tão acentuadas ao longo do tempo por causa dessa invisibilidade da esfera privada. Para elas, o que acontece no âmbito privado também deve ser considerado política, e precisa ser discutido. No entanto, esse debate separa muitas correntes do feminismo, já que as feministas radicais propõem uma urgência de tornar o “pessoal político”, e as feministas liberais vêem um certo problema em acabar com o espaço das escolhas pessoais. Além disso, as feministas socialistas acreditam que todo o trabalho privado deve passar a ser coletivo (HEYWOOD, 2010).

O segundo deles é o conceito de patriarcado. O patriarcado é o nome dado para, de fato, o que as mulheres feministas lutam contra. De acordo com elas, essa é a força de dominação masculina que oprime, diminui, exclui, abusa, descredibiliza, desumaniza e violenta mulheres. No significado da palavra, “patriarcado” significa “governo do pai”, e caracteriza uma sociedade em que os homens são os chefes, tanto das famílias quanto das outras instituições. Esse conceito também divide feministas, em que as feministas liberais o usam para falar a respeito de desigualdades salariais e práticas; as feministas radicais levam o conceito do patriarcado para todas as esferas; e as feministas socialistas não costumam usar o termo, pois acreditam que toda a opressão de gênero se deve a uma relação de classes (HEYWOOD, 2010).

De acordo com Saffioti (2004), a opressão seria uma mescla da dominação e da exploração masculinas. Afinal de contas, as mulheres não só seriam dominadas por meio da obediência contínua, da abnegação, e da supressão de suas personalidades, mas também seriam exploradas, sendo obrigadas a oferecer satisfação sexual aos homens, a reproduzir novos herdeiros, e a produzir mais homens para agregar a força de trabalho e mais mulheres reprodutoras (SAFFIOTI. 2004 *apud* SILVA. 2017).

Em terceiro lugar, há os conceitos de sexo e gênero. O termo gênero não é antigo, e foi inaugurado por Simone de Beauvoir (1949), distinguindo-o de sexo. No famosíssimo trecho “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher” (BEAUVOIR *apud* HEYWOOD. 2006, p. 28), essa separação é feita, mas, muitas vezes, é interpretada de maneira errônea. Beauvoir (1949) assume que as diferenças biológicas, sim, nascem com os seres humanos - quem tem vagina é fêmea e quem tem pênis é macho - conceituando o sexo. No entanto, a educação social que é dada às fêmeas é que as tornam “mulheres”, dotando-as de delicadeza, feminilidade etc. Assim, a socialização dos indivíduos com base em seu sexo biológico é chamada de gênero pela autora, desnaturalizando essa noção (HEYWOOD, 2010).

Ou seja, para Beauvoir (1949), as características comportamentais geralmente associadas às mulheres não são naturais, nem nascem com elas. Na verdade, esses comportamentos são aprendidos durante a vivência social, e são sinais do machismo imposto sobre as mulheres. Para ela, as características biológicas não devem determinar o tratamento ou destino social que um ser humano deve receber. Em geral, todas as feministas concordam com esse ponto de vista, e apoiam. No entanto, alguns grupos da diferença apontam que existem algumas diferenças biológicas muito importantes entre homens e mulheres, e outras feministas identitárias questionam a validade da definição de sexo (HEYWOOD, 2010).

Por último, em quarto lugar, são discutidos os parâmetros de igualdade e diferença entre homens e mulheres. Como já exposto, uma das principais bandeiras feministas é a abolição da desigualdade de gênero na sociedade, e o alcance da igualdade entre homens e mulheres. No entanto, até mesmo esse ponto gera disparidades entre as diferentes correntes feministas. Para as liberais, as diferenças devem ser abolidas no âmbito público, nas questões econômicas, trabalhistas e legais. Já as feministas liberais pretendem, principalmente, o fim da desigualdade no espaço privado, como na família e na sexualidade. E as feministas socialistas dizem que uma

abolição de desigualdade de gênero é inútil caso não haja uma abolição das classes econômicas. (HEYWOOD, 2010).

Existem, ainda, as feministas da diferença, que são aquelas que valorizam a necessidade de não abolir as diferenças, mas de valorizá-las. De acordo com esse grupo, homens e mulheres são diferentes, e o que se deve fazer é acolher e valorizar esses aspectos. Assim, as mulheres não deveriam adotar um comportamento masculino, mas ser respeitadas pelo que são, naturalmente femininas (HEYWOOD, 2010).

3. 3 AS ONDAS FEMINISTAS

O feminismo não foi um movimento único e constante na história. Ele possuiu pautas diferentes, marcadas por momentos históricos. Além disso, houve tempos em que ele estava adormecido. De maneira geral, pode-se compreender a história do feminismo com base em suas principais ondas, descritas abaixo.

3. 3. 1 Primeira Onda

O surgimento do feminismo na Revolução Francesa marca também o início do que chamamos de “primeira onda” do movimento. Essa onda começou com o questionamento dos ideais da revolução, mas só ganhou força no início do século seguinte, com o Movimento Sufragista, marcado pela busca das mulheres pelo direito ao voto. Na época, apenas homens podiam votar e se candidatar a cargos políticos. Assim, representantes do feminismo em diversos países, como França, Inglaterra, Estados Unidos e Nova Zelândia, se movimentaram por meio de conferências, documentos, manifestações e pedidos oficiais por seus direitos. As buscas também se estendiam ao direito de trabalhar fora, de ter contas bancárias, de estudar e de andar sozinhas (CARDOSO; SILVA. 2018).

Alguns dos principais nomes da primeira onda feminista foram Mary Wollstonecraft, Marie Olympe de Gouges e Emmeline Pankhurst. O primeiro texto do feminismo moderno que foi publicado, é da inglesa Mary Wollstonecraft, chamado “Em defesa dos direitos da Mulher”, em que ela argumentava porque as mulheres deveriam ter os mesmos direitos que os homens. Segundo as feministas da primeira onda, representadas pelo feminismo liberal, as questões sexuais não deveriam ser levadas em conta em assuntos da vida política e social. Esse momento foi marcado pela valorização do pensamento racional e objetivo, em que se desprezariam as subjetividades. (HEYWOOD, 2006).

A francesa Olympe Gouges escreveu o documento que é considerado o texto fundante do feminismo, a “Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã” e Mary Wollstonecraft escreve “Uma Reivindicação pelos Direitos da Mulher”. Essas mulheres se levantaram na Europa e nos Estados Unidos, no movimento das sufragistas ou suffragettes, mas não conseguiram muitos resultados. Na verdade, foram presas e ridicularizadas por anos, tendo o direito ao voto negado várias vezes.

Nos Estados Unidos, o sufrágio ganhou força na década de 1840, na convenção de Seneca Falls. O movimento criou a Associação Nacional do Sufrágio da Mulher, e conseguiu o direito ao voto em 1920. No Reino Unido, as feministas se organizaram a partir de 1850, e tiveram uma primeira tentativa de implantar o direito ao voto, negada em 1867. A partir disso, elas adotaram uma tática mais agressiva, com manifestações públicas e ataques a propriedades. Somente em 1918 é que o voto foi estabelecido (HEYWOOD, 2006). No Brasil, as mulheres só puderam votar a partir de 1932, menos de 100 anos atrás (ROCHA, 2015).

A primeira onda do feminismo terminou com a conquista do direito ao voto pelas mulheres na Nova Zelândia, primeiro país do mundo a reconhecê-lo, em 1893. A partir de então, o movimento feminista se dispersou, com a sensação de que o trabalho havia sido cumprido, e que as mulheres haviam alcançado o fim das desigualdades de gênero na sociedade.

3.3.2 Segunda Onda

Após o fim do movimento sufragista, já no século XX, o feminismo passou por um hiato. Ele recomeçou com a segunda onda feminista, em meados do século, que se deparava com uma realidade desapontadora: mesmo com direitos civis iguais, as mulheres ainda sofriam algum tipo de opressão masculina. É o que Betty Friedan chama de “O problema sem nome” (FRIEDAN, 1963).

Em fins da década de cinquenta, a média etária relativa ao casamento baixou para 20 anos entre as mulheres americanas e continuava a cair, descendo à adolescência. Havia quatorze milhões de moças noivas aos 17 anos. A proporção de mulheres universitárias em relação aos homens caiu de 47% em 1920 para 35% em 1958. Um século antes as mulheres lutavam por uma educação superior. Em 1950, as moças iam à universidade para arranjar marido. Em meados da década, 60% abandonaram a faculdade para casar, ou temendo que o excesso de cultura fosse um obstáculo ao casamento. (FRIEDAN, 1963, p. 16).

Friedan (1963) publica seu livro “A Mística Feminina”, em que reflete sobre como a sociedade patriarcal renovou sua forma de oprimir as mulheres. Antes, dominadas pelas leis, agora elas eram distraídas da política, e ensinadas que aquele tipo de atividade não era bom para elas. A mística feminina é o papel da mulher perfeita, que nunca será alcançada, marcada pelo cuidado com o lar e totalmente realizada com apenas ele (FRIEDAN, 1963). Ela recolheu diversos depoimentos de mulheres que eram um modelo de donas de casa ao longo dos Estados Unidos e analisou matérias de revistas, imagens de propagandas e falas de livros e jornais, para demonstrar que o modelo de mulher perfeita era imposto, e não natural, muito menos místico. Segundo sua obra,

A voz da tradição e da sofisticação freudiana diziam que não podia desejar melhor destino do que viver a sua feminilidade. Especialistas ensinavam-lhe a agarrar seu homem e a conservá-lo, a amamentar os filhos e orientá-los no controle de suas necessidades fisiológicas, a resolver problemas de rivalidade e rebeldia adolescente; a comprar uma máquina de lavar pratos, fazer pão, preparar receitas requintadas e construir uma piscina com as próprias mãos; a vestir-se, parecer e agir de modo mais feminino e a tornar seu casamento uma aventura emocionante; a impedir o marido de morrer jovem e aos filhos de se transformarem em delinquentes. (FRIEDAN, 1963, p.17).

Outra importante expoente da segunda onda feminista é Simone de Beauvoir, que lançou seu livro “O Segundo Sexo” em 1949 (CARDOSO; SILVA. 2018). As mulheres se questionavam por que ainda havia distinção de gênero, mesmo depois de alcançados seus direitos básicos. Na prática, elas não eram iguais aos homens, e começaram a procurar causas além da lei para justificar esse tratamento (SILVA; CARMO; RAMOS, 2021).

Beauvoir (1949) apresenta uma possível resposta para esse questionamento, quando a autora afirma que a definição de mulher não vinha do nascimento, mas era construída socialmente. A mulher era ensinada a se comportar com que era visto como apropriado para seu sexo, e esses ensinamentos eram sempre feitos a partir de uma definição primeira do homem. Em sua obra ela parte da concepção de que a mulher seria o Outro, e o homem seria o ser humano original. O que a mulher é não existiria por si só, mas existiria sempre em relação ao homem. O que Beauvoir (1949) faz é desnaturalizar a desigualdade de sexos, e a fragilidade feminina.

A terceira feminista fundamental para o pensamento da segunda onda é Carol Hanisch. A jornalista americana era uma ativista do feminismo em tempo integral, e escreveu um artigo chamado “O pessoal é político”. Ao afirmar isso, Hanisch quer dizer que as questões das

mulheres não são particulares, e que não devem ficar ocultas, mas que são também fatores políticos. Além disso, uma consequência da afirmação de Hanisch é o fim da culpabilização da mulher. Sabendo que as situações que elas viviam não eram apenas delas, as mulheres poderiam se identificar umas com as outras, e entender os problemas sociais por trás da vida doméstica. Muitas vezes, justifica-se a violência por uma falta ou comportamento da vítima. E a jornalista defende que nenhuma causa está no comportamento particular, mas se trata de uma questão muito maior (HANISCH, 1969). A autora defende, em sua obra, que

O mais importante é livrar-se da auto-culpa. Você consegue imaginar o que aconteceria se mulheres, negros, trabalhadores [...] parássemos de nos culpar pelas nossas tristes situações? [...] Nós mulheres, assim como os negros, trabalhadores, devemos parar de nos culpar por nossos fracassos. (HANISCH, 1969, p. 2).

Assim, a segunda onda feminista marca um retorno do feminismo, a partir da percepção das mulheres de que ainda havia algo errado, e a opressão não tinha, na verdade, saído de cima delas. A segunda onda geralmente é identificada com o feminismo radical, que defende um olhar para a vida privada das mulheres, como as questões de violência doméstica e a vida sexual. O propósito da segunda onda não é mais a emancipação política, mas sim a libertação das mulheres. Além disso, o feminismo radical vê como maior problema o patriarcado, e aponta como solução para os problemas de gênero uma revolução sexual, que finde as estruturas patriarcais. Para elas também, o maior problema da sociedade é a desigualdade de gênero (HEYWOOD, 2010).

3.3.3 Terceira Onda

Falar sobre a terceira onda do feminismo é uma tarefa controversa. Primeiro, porque há quem diga que ela ainda está acontecendo. Segundo, porque os estudiosos não chegaram em um consenso sobre ela. “Contudo, o principal desafio do feminismo do século XXI é estabelecer uma ‘terceira onda’ viável e coerente, que seja capaz de decifrar a natureza mutante das relações de gênero e de destruir o mito do pós-feminismo” (HEYWOOD, 2006, p. 42). Depois das lutas marcadas pelas primeiras e segundas ondas feministas, surgiu uma ideia de que não há mais justificativas para a existência de um movimento das mulheres. Afinal, todos os objetivos pretendidos já teriam sido alcançados. Esse tipo de pensamento é comumente chamado de pós-feminismo (HEYWOOD, 2006).

Antes de prosseguir, explicando as dificuldades do feminismo atual, vamos pontuar uma autora que faz parte do feminismo contemporâneo, e que faz uma suposta continuação do pensamento de Betty Friedan, em meados do século passado. Naomi Wolf, uma jornalista americana, lançou, em 1991, o livro “O mito da beleza”, em que discute a possibilidade de uma nova “mística feminina”. Segundo a autora, as pressões estéticas impostas sobre as mulheres, para que sejam magras, atraentes, perfeitas, sempre jovens e sexys, não passam de uma distração, para que as mulheres vivam em inanição, e não se dediquem a questões de gênero. Wolf (2020) afirma que o padrão estético é uma coisa arbitrariamente inventada, e que ele faz as mulheres sofrerem sem qualquer justificativa. Além disso, a autora afirma que a pressão estética não tem a ver com sexo, e sim com política.

O pensamento de Wolf foi questionado, posteriormente, por sua fragilidade metodológica, e por isso não nos deteremos nele. O que vale a pena observar é a indicação da autora, como fez Betty Friedan, de que o patriarcado é, de certa forma, “elástico”, e se adapta a cada nova conquista das mulheres. Assim, ele se tornou menos explícito e mais difícil de identificar, obrigando as mulheres a perseguirem um padrão inalcançável. Com essa preocupação, elas acabariam se esquecendo completamente das questões políticas.

Outro ponto da terceira onda foi a institucionalização dos direitos das mulheres. No Brasil, a Constituição de 1988 declara homens e mulheres iguais perante a Lei. Além disso, foi criada a primeira Delegacia da Mulher, especializada em atender denúncias de violência (MELLO, 2017). Ademais, começaram a existir Organizações Não Governamentais (ONG’s) que recebiam mulheres violentadas pelos seus parceiros. Houve, no início dos anos 2000, a criação de secretarias dedicadas à criação de políticas públicas para mulheres, e ocorreram conferências que discutiam essas políticas. No século XXI, de maneira geral, as mulheres foram reconhecidas como “iguais” aos homens na maior parte do mundo.

No entanto, a terceira onda do feminismo, se assim pode ser chamada, é marcada por uma dispersão do movimento. Várias vertentes discordam umas das outras, fazendo com que o movimento perca força. Além disso, surgiram também os grupos e ativistas antifeministas, embasados em um clima de hostilidade que despontou no horizonte (HEYWOOD, 2006).

Sem dúvida, o feminismo enfrentou uma série de dificuldades. Em primeiro lugar, ele se tornou cada vez mais fragmentado e incoerente. [...] Embora unidas pelo desejo comum de expandir o papel da mulher, as feministas discordam sobre como isso pode ser feito, e do que essa iniciativa significa na prática. As

divisões existem há muito tempo - entre reformistas e revolucionárias, entre feministas radicais e socialistas, e sobre questões extremamente controversas como o separatismo e o lesbianismo. Porém, elas agora proliferam, e surgem novas divisões sobre questões como a prostituição, a pornografia, e a censura, o aborto, a maternidade, a raça, a etnia, o Estado de bem-estar social e assim por diante. (HEYWOOD, 2006. p. 42).

Existe, por exemplo, um embate acirrado entre feministas e grande parte dos cristãos, em que segmentos de ambos dizem não ser possível conciliar as duas coisas, marginalizando as mulheres feministas cristãs. Esse pensamento pode ser visto já no início do movimento feminista, na primeira onda:

Todas as religiões, portanto, tem ensinado a liderança e a superioridade do homem, a inferioridade e a subordinação da mulher. Qualquer que seja a nova dignidade, a honra, e o auto-respeito, que a mudança de teologias pode ter trazido para o homem, eles têm trazido igualmente para todas as mulheres, mas uma outra forma de humilhação. A história mostra que a condição da mulher mudou com diferentes formas de civilização, e que ela gozou em alguns períodos de maior honra e dignidade e mais direitos pessoais e de propriedade do que lhe foi concedido na era cristã (STANTON, 1885 *apud* MALHEIROS; MEIRA, 2020).

O embate entre feministas e cristãos fica mais evidenciado, atualmente, nas questões relacionadas ao direito ao aborto. Nos últimos anos, têm-se acompanhado grupos de cristãos fazendo orações na porta de hospitais que realizam abortos, no chamado “Movimento Pró-Vida”. Por outro lado, o direito ao aborto é uma pauta de grande relevância no movimento feminista atualmente.

Uma das principais questões separatistas entre as mulheres feministas, de acordo com Francisco Bosco, são as lutas identitárias. Segundo o autor, esses movimentos surgiram no final da década de 1960, com uma certa decepção das pessoas de esquerda com seus movimentos. Com o imperialismo dos Estados Unidos no Vietnã, a divulgação dos crimes de Stalin, e manifestações totalitaristas de governos socialistas na China, em Cuba e na URSS, as pessoas que se identificavam com a esquerda se sentiram traídas (BOSCO, 2017).

O mesmo teria acontecido no Brasil, após os anos de ferro da Ditadura, que, acompanhados de uma descrença no socialismo, revelaram um temor aos valores de direita. Ainda, Bosco aponta que esse sentimento foi reiterado no povo brasileiro com o colapso do Lulismo, a partir das manifestações de 2013. Além disso, dentro do feminismo, a situação seria parecida, com a percepção de algumas mulheres de que o movimento, na verdade, não defendia seus interesses, e sim de classes privilegiadas de mulheres ricas e brancas (BOSCO, 2017).

Para muitas feministas, a questão de gênero se limitava a questões financeiras, de desigualdade salarial e de acessos na sociedade. Para outras, as questões se intensificavam, especialmente quando elas sofriam, ao mesmo tempo, a desigualdade de gênero e de raça. Há muito tempo, desde a primeira onda feminista, com Soujoner Truth, já havia mulheres negras afirmando que a luta feminista não as representava, porque elas sofriam, principalmente assédios sexuais e estupros, além de trabalho escravo, quando as feministas brancas lutavam pelo direito a trabalhar (SILVA; CARMO; RAMOS, 2021). Assim, na década de 1990, iniciou-se uma tentativa de feminismo interseccional, que buscava associar as lutas de todas as feministas. Uma expoente dessa luta é a ativista Angela Davis.

Dentro do feminismo, o movimento do feminismo negro teve grandes impactos, gerando uma desconfiança nas outras mulheres, e criando uma possibilidade de se inventar novos feminismos. Para Bosco, mais recentemente, o que favorece essa emergência de lutas identitárias é a expansão das redes sociais digitais, que se popularizaram a partir da primeira década do século XXI (BOSCO, 2017).

As redes sociais digitais, contudo, reúnem, ao mesmo tempo, personalidade e coletividade. Nelas, o destinatário é múltiplo, mas múltiplo esse formado por um conjunto de indivíduos concretos. Como no espaço público tradicional, uma intervenção pode atingir milhões de pessoas; mas, diferentemente do que se passa naquele, essas pessoas estão ali, presentes [...] É a copresença imaginária, em grande escala quantitativa, que propicia os comportamentos grupais violentos e covardes: as “lacrações”, os *public shamings*, os escrachos digitais, os linchamentos. (BOSCO, 2017, p. 71).

Cabe ressaltar que este trabalho não se dedica a analisar o conteúdo compartilhado nas redes sociais, porque percorreu um caminho diferente ao longo de seu desenvolvimento, além de que seria desafiador analisar um campo em que ainda estão sendo formadas teorias da comunicação sobre. Por se tratar de um trabalho de graduação, não se pleiteou entrar nesse debate, mas reconhece-se que seria muitíssimo interessante e importante que essa pesquisa seja feita no futuro, por outros pesquisadores.

Quadro 1 - Características das diferentes correntes feministas

	Patriarcado	Separação entre público e privado	Sexo e gênero	Igualdade e diferença entre homens e mulheres
Feminismo Radical	O patriarcado rege tudo, e	Debater o que acontece na vida	As características	A abolição das desigualdades

	oprima as mulheres em tudo	privada	de gênero são sociais	deve ser em todos os âmbitos
Feminismo Liberal	O patriarcado oprime as mulheres somente no campo de desigualdades práticas	Manter o espaço para as escolhas individuais	As características de gênero são sociais	A abolição deve ser apenas nas questões de ordem prática e públicas
Feminismo Marxista	A opressão não vem do patriarcado, mas da burguesia.	Não deve mais existir espaço privado, tudo deve ser coletivo.	As características de gênero são sociais	Abolir desigualdades de gênero é inútil sem o fim do capitalismo
Feminismo Negro	O patriarcado e soma ao racismo, que oprime ainda mais intensamente mulheres negras	Defende a politização do que acontece no ambiente privado	As características de gênero são sociais	Abolir desigualdades de gênero é inútil sem o fim do racismo

Fonte: Elaborado pela autora com base em Heywood (2010)

Diante dessa realidade caótica, o feminismo se expõe como um campo de batalha, em uma formação muito menos forte que a desejada. Há momentos em que algumas mulheres se voltam umas contra as outras, porque não há concordância completa em nenhum aspecto possível. Há as antifeministas, e as inúmeras correntes de diferentes feminismos, que parecem caminhar para lados diferentes.

4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE ANÁLISE DO DISCURSO

Quando se se dedica a analisar algum objeto, é necessário determinar qual será o tipo de análise que será feita. Desde já, é importante ressaltar que são muitas as possibilidades. Dentro dos estudos de Comunicação Social e de Linguística, os objetos analisados costumam envolver algum tipo de linguagem. Se vamos analisar um jornal, é importante considerar a linguagem, que pode ser do tipo escrita, audiovisual ou audiofônica. Se se trata de um livro, também analisaremos o que se expressa pela língua, ou a própria língua que se expressa nele. O mesmo também vale para posts nas redes sociais, filmes, peças de teatro, músicas etc.

Dentro desse contexto, para estudar quaisquer objetos por meio da linguagem, é necessário estabelecer qual será o percurso metodológico utilizado. Podemos, por exemplo, observar as formações silábicas, o uso da língua, a mensagem que está sendo passada, os limites da linguagem, o emissor ou o receptor, entre vários outros recortes possíveis. A Análise do Discurso (AD) é um dos tipos de análises que se pode fazer, dentro dos estudos de Linguística e Comunicação. Ela surgiu por volta de 1960 na França, segundo Cleudemar Fernandes (2008) e tem influência ainda hoje nas pesquisas acadêmicas do Brasil e do mundo.

Para entender o que é Análise do Discurso, primeiro, é necessário compreender o que quer dizer a palavra *discurso*. Afinal, a AD é a disciplina que se dedica a fazer a análise deste objeto. No senso comum, entende-se várias coisas por *discurso*. O termo pode se referir a uma fala importante, à fala de um político, a uma certa mentira, ou uso da língua como artifício para evitar algo, entre outros significados, que não podem ser confundidos com o conceito estudado pela AD.

No entanto, dentro da AD, o *discurso* é aquilo que atravessa a linguagem. Não está dentro da fala, nem da língua, mas passa por ela, e precisa dela para se materializar (FERNANDES, 2008). O *discurso* seria o conjunto de pensamentos, posicionamentos, inclinações e concepções que fazem parte dos sujeitos falantes. O *discurso* é, de fato, uma associação de aspectos sociais e ideológicos que é materializada na linguagem (FERNANDES, 2008). Segundo o autor,

Inicialmente, podemos afirmar que discurso, tomado como objeto da Análise do Discurso, não é a língua, nem texto, nem a fala, mas necessita de elementos linguísticos para ter uma existência material. Com isso, dizemos que discurso implica uma exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente linguística. Referimo-nos a aspectos sociais e ideológicos impregnados nas palavras quando elas são pronunciadas (FERNANDES, 2008, p. 13).

Também, de acordo com Eni Puccinelli Orlandi (2015), o discurso é aquilo que se situa entre a língua, a fala e o inconsciente. Para a autora, o discurso é a língua em curso, ou seja, em movimento. Só seria possível observar o discurso por meio da movimentação da linguagem. De acordo com a autora:

A palavra discurso, etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. (ORLANDI, 1999 *apud* FERNANDES, 2008, p.13).

Ou seja, a Análise do Discurso é a disciplina teórica e metodológica acadêmica que analisa as formações discursivas, aquilo que está por trás da fala, além da linguagem, mas que se situa em um contexto também social e ideológico.

4. 1 UMA BREVE HISTÓRIA DA ANÁLISE DO DISCURSO

De acordo com Fernandes (2008), a Análise do Discurso passou por três principais épocas, em que seus conceitos foram sendo atualizados, e discutidos. O principal teórico que organizou esse entendimento foi Michel Pêcheux, que se dedicou à AD durante seu percurso teórico. Esse autor atuou, de certa forma, como um relator das fases da AD (FERNANDES, 2008).

Em uma primeira fase da AD, a chamada AD1, que se originou na França, na década de 1960, considerava-se uma lógica mais maquinária da análise do discurso, com heranças estruturalistas. Nessa perspectiva, o sujeito era entendido como homogêneo, os discursos também eram vistos como fechados em si, e a análise possuía apenas duas etapas: colher os traços discursivos e depois perceber suas variações, considerando também a linguagem como neutra. (FERNANDES, 2008).

Na segunda fase, a AD2, essa forma maquinaria de AD começou a ser questionada, por meio da descoberta do conceito de formação discursiva. Segundo esse conceito, os sujeitos estariam em contato com outros, e, portanto, não poderiam ser considerados isoladamente. No entanto, os métodos de análise continuam os mesmos. (FERNANDES, 2008).

Já na terceira fase, a AD como conhecemos e como foi apresentada surge, mediante a consideração de um sujeito heterogêneo. No Brasil, a AD só começou a ser explorada nos campos teórico e metodológico a partir da década de 1980, com o final da Ditadura Militar, com uma abertura política maior para o pensamento crítico. (FERNANDES, 2008).

Para prosseguir esta compreensão, iremos abordar alguns conceitos importantes da AD a seguir.

4.2 IDEOLOGIA, INSCRIÇÕES IDEOLÓGICAS, FORMAÇÕES DISCURSIVAS E FORMAÇÕES IDEOLÓGICAS

Dentro do conceito de *discurso*, está contido também o conceito de *ideologia*, que pode ser definida como “uma concepção de mundo do sujeito inscrito em determinado grupo social em uma circunstância histórica” (FERNANDES, 2008, p. 21). O *discurso*, enquanto aquilo que atravessa a linguagem, terá características específicas de acordo com determinado grupo, época e lugar. As tendências de discurso marcadas pelas condições sócio e históricas, podem ser chamadas de *ideologias*. Dessa forma, o conceito de *ideologia* depende do conceito do *discurso*, da mesma forma que este depende daquele. A ideologia pode ser explicada como um:

[...] conjunto dos elementos que cerca a produção de um discurso. No sentido mais estrito, diz respeito à situação de enunciação que compreende o eu-aqui- agora; num sentido mais amplo, compreende o contexto sócio-histórico-ideológico que envolve os interlocutores, o lugar de onde falam, a imagem que fazem de si, do outro e do objeto que estão tratando. (BRANDÃO, 2012, p.22-23, *apud* ALMEIDA, 2013, p. 22).

O local ocupado por cada sujeito na sociedade, em um momento histórico, é chamado de *inscrição ideológica* (FERNANDES, 2008). Sendo assim, existem algumas *ideologias* que estão presentes nos *discursos* de alguns sujeitos e não de outros, em determinados momentos e não em outros, e em apenas alguns lugares, mas não em todos. Assim, os *discursos* dessas pessoas serão marcados por essas ideologias, e não por todas, nem por quaisquer outras. Por exemplo, o pensamento feminista poderá ser encontrado geralmente em mulheres a partir da Revolução Francesa, nos países do ocidente. Seria incomum a ideologia feminista estar presente em um homem do Egito Antigo, por exemplo. Sendo assim, o discurso das mulheres ocidentais a partir de 1789 poderá ter traços de influência dessa ideologia, posicionamentos, conceitos e inclinações favoráveis ou não ao movimento.

Como o discurso não acontece dentro da língua, mas fora dela, ele está na sociedade, e é influenciado pelas relações que são estabelecidas nela. Essas condições sociais e históricas envolvem desigualdades de posições de poder, que impactam as *ideologias* e os *discursos* (FERNANDES, 2008). Por exemplo, dentro do feminismo, em que se pressupõe que os homens têm uma relação de privilégio e poder sobre as mulheres, será mais comum que mulheres sejam favoráveis ao feminismo e os homens não. Geralmente, existirão *ideologias* que se opõem umas

às outras, em uma espécie de campo de batalha materializado na linguagem (FERNANDES, 2008).

Nesse contexto, surge o conceito de *formação ideológica*, que pode ser definido como um “conjunto complexo de atividades e de representações que não são nem ‘individuais’ nem ‘universais’, mas se relacionam mais ou menos diretamente às posições de classes em conflito umas com as outras (PÊCHEUX; FUCHS, 1990, p. 160, *apud* FERNANDES, 2008, p. 49). Dentro desse conceito, compreende-se aquelas situações em que os sujeitos presenciam em suas vidas, pensamentos e falas em questões sociais, produzidas pelo espaço social e ideológico de que fazem parte. Formações ideológicas seriam, então, as organizações ideológicas produzidas pelas relações de poder da sociedade desigual.

As formações ideológicas constituem as *formações discursivas*, outro conceito importante na AD, pois, como afirma Fernandes (2008), “uma formação discursiva revela formações ideológicas que a integram” (FERNANDES, 2008, p. 39). As formações discursivas se referem àqueles discursos que são pertencentes e aceitos somente em determinadas condições de tempo, espaço e recorte social. Nas palavras do autor:

Refere-se ao que se pode dizer somente em determinada época e espaço social, ao que tem lugar e realização a partir de condições de produção específicas, historicamente definidas; trata-se da possibilidade de explicitar como cada enunciado tem o seu lugar e sua regra de aparição, e como as estratégias que o engendram derivam de um mesmo jogo de relações, como um dizer tem espaço em um lugar e em uma época específica. (FERNANDES, 2008, p. 49).

Ou seja, o *discurso* envolve a *ideologia*, que se refere às tendências de pensamento alocadas em um momento histórico e social. Essa *ideologia* forma *inscrições ideológicas*, que são grupos de sujeitos com discursos semelhantes, graças ao seu contexto social e histórico. Além disso, existem as *formações ideológicas*, que refletem as relações de poder desiguais na sociedade, e as *formações discursivas*, que se referem àquilo que será ou não dito por um determinado grupo em determinado tempo e local.

4.3 POLIFONIA, DIALOGICIDADE E HETEROGENEIDADE

Cabe considerar, ainda dentro da AD, o conceito de polifonia. Segundo Fernandes (2008), esse conceito diz respeito à multiplicidade de vozes que compõem um discurso. Como se observa:

Contudo, o sujeito não é homogêneo, seu discurso constitui-se do entrecruzamento de diferentes discursos, de discursos em oposição, que se negam e se contradizem. Ao considerarmos um sujeito discursivo, acerca de um mesmo tema, encontramos em sua voz diferentes vozes, oriundas de diferentes discursos. (FERNANDES, 2008, p. 26).

Assim, observa-se que um discurso é formado por muitos outros discursos, que nem sempre são alinhados uns com os outros. Por exemplo, pode-se imaginar um sujeito que é feminista, porque teve uma formação que defendia os direitos da mulher, mas também participa de movimentos conservadores, como religiões de matriz patriarcal, e defende a veracidade desses dois discursos. Na materialidade da fala desse sujeito, poder-se-ia perceber o confronto entre uma formação discursiva e outra. Neste sentido,

[...] uma formação discursiva está sempre em interação com outras formações discursivas em que vários discursos estão ora em relação de conflito, ora de aliança, e a linguagem é vista como uma arena de lutas (BRANDÃO, 2012, p.22, *apud* ALMEIDA, 2013, p. 23).

As questões sociais não resolvidas, ou não compreendidas pelo sujeito, acabam sendo refletidas na linguagem, e a AD também se dedica a estudar esse campo de embate que fica implícito na fala. Um outro conceito parecido com a *polifonia*, é o de *interdiscurso*, local em que os diferentes discursos se entrelaçam, vindos de diferentes vozes, locais, e momentos históricos (FERNANDES, 2008). São muitas as heranças que utilizamos na fala, vindas de tradições familiares, vivências pessoais, mas também de linhas de pensamento com origens milenares. De acordo com Foucault, nome de referência no estudo da temática, “todo discurso é marcado por enunciados que o antecedem e o sucedem, integrantes de outros discursos” (FOUCAULT, 1995, *apud* FERNANDES, 2008, p. 40).

Dentro de um campo de discurso polifônico e interdiscursivo, surge o conceito de *dialogismo*. As diferentes vozes só podem formar um (ou vários) discursos, caso haja troca entre os sujeitos. Ou seja, é necessário que haja diálogo, fala, conversa, entre o sujeito e o outro, sendo este as outras pessoas que se estabelecem em seu mundo social. Portanto, para que haja qualquer discurso, ideologia, ou qualquer conceito discutido até aqui, é premissa básica a troca de informações entre os seres humanos. Segundo o mesmo autor,

Assim, o sujeito e o discurso resultam da interação social estabelecida com diferentes segmentos em um mesmo ou em diferentes âmbitos sociais; daí o entrelaçamento de diferentes discursos na constituição do sujeito discursivo, o que nos leva, com Bakhtin, à constatação de que o sujeito é polifônico. A linguagem será apreendida sempre em uma situação social e histórica, na qual e com a qual os sujeitos constituem-se pela interação social; o “eu” e o “outro”

são inseparáveis e a linguagem possibilita-lhes a interação. (FERNANDES, 2008, p. 27-28).

Ainda em relação às diferentes vozes que existem no discurso, elas podem ser representadas de duas formas, segundo Jacqueline Authier-Revuz (1982). A representação dessas vozes é chamada de *heterogeneidade*, na AD. Em uma primeira forma de representação, a *heterogeneidade mostrada*, as diversas vozes que formam aquele discurso ficam explícitas. Nesse tipo de representação, é de consciência do sujeito que o discurso apresentado por ele não é de origem própria, e é de sua vontade que seus interlocutores saibam exatamente de onde vieram suas referências. Um exemplo de heterogeneidade mostrada é este próprio trabalho acadêmico que se lê, em que as referências são explicitadas a cada citação (FERNANDES, 2008).

Em uma segunda forma de representação, surge a *heterogeneidade constitutiva*. Nesse tipo, as outras vozes constitutivas do discurso não ficam explícitas, e, por vezes, nem são da consciência do sujeito falante. Elas acabam ficando por trás do que é dito, nas entrelinhas. Como afirma o mesmo autor,

[...] sempre sob as palavras “outras palavras” são ditas. O sujeito tem a ilusão de ser o centro de seu dizer, pensa exercer o controle dos sentidos do que fala, mas desconhece que a *exterioridade está no interior do sujeito*, em seu discurso está o “outro”, compreendido como exterioridade social. (FERNANDES, 2008, p. 30).

Cabe lembrar que, na AD, não se considera o conceito de “indivíduo”, mas sim o de “sujeito”. O primeiro se remete ao ser enquanto ele mesmo, em uma realidade individual, particular e que diz respeito à sua própria vida, como sujeito empírico. Assim, na AD se considera o conceito de “sujeito”, que é o ser humano imerso em um contexto social, considerado dentro de um coletivo, de um momento histórico, constituído de diferentes vozes, e com uma formação discursiva e ideológica. Como se observa,

[...] para a Análise do Discurso, não se focaliza o indivíduo falante, compreendido como um sujeito empírico, ou seja, como alguém que tem uma existência individualizada no mundo. Importa o sujeito inserido em uma conjuntura social, tomado em um lugar social, histórica e ideologicamente marcado; um sujeito que não é homogêneo, e sim heterogêneo, constituído por um conjunto de diferentes vozes. Assim, as noções de polifonia, heterogeneidade e identidade também constituem objeto de reflexão e são necessárias para se compreender o que chamamos sujeito discursivo. (FERNANDES, 2008, p. 9).

Portanto, um discurso não é único no mundo, nem totalmente original. Ele se forma entre as relações discursivas, e é formado por diferentes vozes, vindas de pessoas de diferentes

lugares, épocas e relações sociais. Essas vozes nem sempre são concordantes entre si, e podem estar em conflito em um campo de batalha, materializado no discurso. As representações dessas vozes podem ser explícitas, ou não, cabendo à AD entender quais são as diferentes vozes constitutivas de um discurso.

4.4 ESCOLHAS METODOLÓGICAS PARA A PESQUISA

Diante do exposto, a AD foi a decisão metodológica para o trabalho aqui apresentado. Em relação às características deste trabalho, ele possui uma finalidade de aplicação social. Isso porque não intenta produzir conteúdo para o “estado da arte”, nem conhecimento pelo conhecimento, mas pretende que a organização científica do feminismo possa facilitar os debates na sociedade prática. É o que pode ser caracterizado como uma pesquisa aplicada.

Além disso, ela possui o objetivo de explorar um desdobramento científico novo, que ainda não se encontra muito presente nas produções que já existem. O que se quer é inserir uma lógica científica nas teorias feministas, além de observar, com base nessa organização, um jornal específico.

Este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. A grande maioria dessas pesquisas envolve [...] levantamento bibliográfico. (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 31).

Ademais, a pesquisa se utilizou do tipo de procedimento documental, em que foram utilizados, como fonte de conhecimento, livros, textos, publicações na Web e sites de jornais.

A natureza desta pesquisa é qualitativa, pois não tem como preocupação a quantificação de nenhuma grandeza. Por outro lado, ela se dará a analisar e interpretar dados referentes às Ciências Humanas. Finalmente, o presente estudo foi realizado em laboratório, e não em campo, em decorrência das exigências metodológicas da corrente escolhida, que é a Análise do Discurso.

Durante a realização da pesquisa desta monografia, o percurso feito teve início com a leitura de materiais indicados para a construção dos capítulos teóricos até aqui expostos. Foram aproximadamente cinco livros que precisaram de estudo prévio para assimilação. Após esse primeiro momento, houve a escrita dos capítulos teóricos (2, 3 e 4). Essa escrita demorou cerca de dois meses.

Em seguida, deu-se início à triagem dos conteúdos para análise. Este trabalho se debruçou em analisar as controvérsias do feminismo representadas no mundo real. No entanto, a amplitude do cotidiano não poderia ser estudada em uma pesquisa de graduação, sendo necessário escolher uma amostra capaz de representar estas questões objetivadas.

Considerou-se, então, que os jornais conteriam essa representação da realidade, permitindo uma análise indireta desta. Essa consideração é fundamentada em teorias clássicas do Jornalismo, como a Teoria do Espelho, que considera que “as notícias são como são porque assim a realidade as determina” (TRAQUINA, 2005, p. 146). Segundo Nelson Traquina (2005), essa teoria embasou a criação de uma ética jornalística imparcial, a partir do final do século XIX. Ainda de acordo com o autor, o desenvolvimento desta concepção ainda hoje é o padrão dominante no campo jornalístico ocidental (TRAQUINA, 2005).

Certamente as notícias são um produto centrado no referente, onde a invenção e a mentira são violações das mais elementares regras jornalísticas. Assim, o referente, ou seja, “a realidade” não pode deixar de ser um fator determinante do conteúdo noticioso. (TRAQUINA, 2005, p. 149).

Pode-se dizer que o processo de seleção do conteúdo de análise foi baseado na Teoria do Espelho do Jornalismo, que justifica o universo desta pesquisa: as reportagens jornalísticas. Essa teoria foi usada porque ela fundamenta a consideração do material jornalístico como um objeto legítimo de análise. Outras representações da sociedade seriam díspares da proposta desta pesquisa, que foi feita dentro do curso de Jornalismo e propõe a Epistemologia do Conhecimento como fundamentação teórica. Ademais, esse caminho faz parte da escolha estilística do trabalho.

No entanto, cabe considerar que a Teoria do Espelho é uma corrente de pensamento que tem origem no Positivismo (TRAQUINA, 2005), e que não orienta o restante desta pesquisa. Afinal de contas, já foram feitas muitas críticas à teoria, que se tornou insuficiente para explicar o Jornalismo e as notícias, como um todo. Ademais, nem sempre é possível afirmar que há imparcialidade do jornalista, coisa que não é feita neste trabalho. Não seria possível considerar imparcialidade em um contexto de Análise do Discurso, porque a AD entende o atravessamento de diversos discursos nos sujeitos, que também o são os jornalistas.

Sendo assim, as reportagens jornalísticas são entendidas, neste trabalho, como um reflexo da realidade, mas com as suas limitações. Afinal de contas, o reflexo não é a coisa em si nem mesmo em um espelho.

Mas a teoria do espelho, intimamente ligada à própria legitimidade do campo jornalístico, é uma explicação pobre e insuficiente, que tem sido posta em causa repetidamente em inúmeros estudos sobre jornalismo e, na maioria dos casos,

sem qualquer intuito de pôr em causa a integridade de seus profissionais. (TRAQUINA, 2005, p. 149).

Considerando este universo, para a amostra escolheu-se apenas uma reportagem do jornal Folha de São Paulo, “Johnny Depp x Amber Heard: resultado do julgamento pode desestimular denúncias de violência doméstica?”.

A escolha dessa reportagem se deu pelo fato de o jornal Folha de São Paulo ser, talvez, o primeiro jornal tradicional que surge na cabeça dos brasileiros, sendo um grande veículo de comunicação do país, e por essa matéria trazer um panorama atual das polêmicas feministas de hoje em dia.

A ideia inicial era trazer uma reportagem que estivesse mais alinhada ao centro político, uma mais à esquerda, e uma mais à direita. No entanto, com o decorrer da pesquisa, chegou-se à conclusão de que o objetivo não era comparar coberturas, mas fazer uma análise social por meio da retratação da sociedade que um jornal faz. Ademais, era difícil encontrar reportagens nos veículos alinhados à direita, porque havia predominância de textos de opinião somente.

Além disso, escolheu-se apenas uma reportagem porque se trata de um trabalho de graduação, e não haveria mais tempo ou disponibilidade para alongar as análises aqui expostas. Também, o tipo de análise escolhido, a AD, exige um aprofundamento na compreensão do objeto, o que se tornaria inviável com um número maior de textos.

Continuando o percurso de pesquisa, fez-se a análise do texto jornalístico escolhido, com base em diversas pesquisas na Internet e com os pontos teóricos apresentados. Por fim, fez-se a estruturação do trabalho como um todo, e a correção.

Os critérios de inclusão foram: se tratar de matérias jornalísticas que abordam embates feministas atuais, estar publicado de forma online em jornais reconhecidos, e se tratar de um conteúdo informativo. Já os critérios de exclusão foram o gênero textual, que deveria ser reportagem, e não conteúdo meramente opinativo. Entendeu-se que não seria justo, cientificamente, procurar fazer uma análise social baseada na opinião de uma pessoa.

Esse entendimento também é embasado na Teoria do Espelho, que rejeita a opinião no Jornalismo. No caso desta pesquisa, não fazemos nenhuma elaboração sobre a legitimidade jornalística da opinião, apenas não consideramos que ela possa ser um espelho da sociedade, já que é representante do posicionamento individual de quem escreve. Para a teoria: “[...] surge em meados do século XIX com um *novo jornalismo* - o jornalismo de informação - a ideia da separação entre ‘fatos’ e ‘opiniões’ (TRAQUINA, 2005, p. 147).

As categorias de análise, de acordo com a AD, serão: as ideologias, as formações ideológicas, formações discursivas, inscrições ideológicas, a polifonia, a dialogicidade e a heterogeneidade.

5 AS VOZES PRESENTES NO DISCURSO MIDIÁTICO: FEMINISMOS E EPISTEMOLOGIA

A reportagem analisada neste trabalho foi a “Johnny Depp x Amber Heard: resultado do julgamento pode desestimular denúncias de violência doméstica?”¹³, publicada pelo Jornal Folha de São Paulo no dia 4 de junho de 2022. A matéria foi escrita por Holly Honderich, e é original da BBC News. O texto se trata de uma reportagem jornalística, que traz dados, entrevistas e alguns pontos interpretativos.

Figura 1 - Print do Título da Reportagem



Fonte: Jornal Folha de São Paulo 25/07/2022

Antes de iniciar a análise propriamente dita, é importante ressaltar que a reportagem em questão não trata diretamente do feminismo. Pesquisando este termo nos jornais tradicionais, quase nenhum resultado é obtido, porque, dentro da prática jornalística, os jornais normalmente se abstêm de fazer juízo de valor de maneira direta ou explícita sobre o movimento social, ou, se o fazem, é em texto de opinião, já previamente descartado. Assim, podemos considerar que a reportagem escolhida representa o feminismo, pois trata de alguns temas fundamentais na luta das mulheres, como a violência doméstica, julgamento das mulheres pela sociedade, o tratamento judiciário dado às mulheres, e abuso. Além disso, ela trata de um caso que reúne as condições de briga ideológica que acontecem hoje em dia em relação à vida das mulheres.

¹³ <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/06/johnny-depp-x-amber-heard-resultado-do-julgamento-pode-desestimular-denuncias-de-violencia-domestica.shtml>

A reportagem escolhida foi publicada depois do resultado do julgamento de Amber Heard, processada por seu ex-marido, Johnny Depp, que terminou no dia primeiro de junho. Ela reflete sobre os possíveis impactos do julgamento negativo de Heard sobre as vítimas de violência doméstica, questionando se isso as desestimularia a também denunciar. Em um primeiro momento, a reportagem dá um panorama geral sobre o caso, informando que Johnny Depp processou Amber Heard após a publicação de um editorial escrito por ela, em que a atriz disse representar o abuso doméstico. A reportagem também dá os resultados do julgamento, e fala que Heard sofreu com o “tribunal da Internet”.

A imagem que ilustra a reportagem em análise é de Amber Heard, fotografada de costas, em um vestido preto, em que ela olha para trás com uma expressão de tristeza e medo. Também há a presença de duas galerias de imagem ao longo da publicação no site da Folha de São Paulo. A primeira é um compilado de 29 imagens de Amber Heard, nos diversos dias de julgamento no estado da Virgínia, nos Estados Unidos. A segunda galeria aparece mais ao final do texto, e possui 48 imagens de Johnny Depp e Amber Heard, além de outras pessoas na porta dos tribunais, envolvidas no caso. Além disso, também há mais uma imagem avulsa, que mostra Depp fazendo sinal para os fãs na porta do tribunal, com sorriso no rosto.

Figura 2 - Print da imagem da reportagem



A atriz Amber Heard durante julgamento - AFP

O júri composto por cinco homens e duas mulheres decidiu que a atriz deveria pagar uma indenização de US\$ 15 milhões (R\$ 72 milhões), valor que foi reduzido para US\$ 10,35 milhões (R\$ 49,4 milhões), em razão de limites legais da Virgínia.

- [Por que Johnny Depp perdeu julgamento no Reino Unido, mas teve vitória nos EUA](#)
- [Amber Heard: 'É fácil esquecer que sou um ser humano'](#)

Após Depp e Heard, Marilyn Manson e Evan Rachel Wood estrelam disputa judicial



Alfândega disponibiliza celulares a preço de custo em Uberlândia
Mystery Box | Patrocinado

por taboala

veja também



ARTES CÊNICAS

Veja os espetáculos em destaque e leia críticas teatrais

MULTITELA

Confira quais são os destaques da televisão

Fonte: Folha de São Paulo. Reprodução, AFP.

Depois das informações iniciais, a reportagem traz o subtítulo “Comentários nas redes sociais”, em que discorre sobre os posts no Twitter, e trends no TikTok que ridicularizavam Heard. Nesta parte, é apresentada a fala da socióloga especializada em violência sexual, Nicole Bedera, que alerta para a quantidade de assédio que essa repercussão nas redes causou para Heard.

Em uma terceira parte, chamada “Impacto para futuras vítimas”, o texto se dedica a falar sobre o desencorajamento que outras vítimas de violência doméstica podem sentir ao se deparar com o sofrimento vivido por Heard, e com sua derrota no tribunal. Nesta parte do texto, a socióloga Bedera aparece novamente, e é usada a fala da advogada de direitos civis, Alexandra Brodsky. Além disso, também aparece a voz da professora universitária e ex-vítima de relacionamento abusivo, Kelly Sundberg. A advogada explica que, diante dos fatos, há motivos racionais e plausíveis para mulheres não quererem mais denunciar.

Adiante, o texto possui o subtítulo “Padrões Duplos”, que fala sobre a desigualdade do julgamento aplicado a Heard e Depp, em que as provas apresentadas por ele contra ela eram levadas totalmente a sério, e as dela contra ele eram abrandadas. Enquanto isso, ela recebia ameaças de morte, e ele recebia apoio dos fãs.

No último bloco, a reportagem traz “Possíveis Repetições”, e fala sobre a possibilidade da estratégia usada por Depp no tribunal ser imitada por outros homens denunciados por violência doméstica.

Assim, percebemos que há a presença de três vozes na reportagem: de uma socióloga, de uma advogada e de uma ex-vítima, todas mulheres, e todas com um posicionamento desfavorável às decisões do julgamento. Além disso, as imagens usadas parecem ser coerentes com o conteúdo, e ilustram o acontecido.

No entanto, em uma análise do discurso é necessário ir além disso. É preciso investigar todas as vozes que atravessam o discurso materializado nesta reportagem, e é a isso que nos dedicaremos a partir de agora.

Para entender qual é o *discurso* que se insere nesta reportagem, precisaremos destrinchar as categorias de análise do discurso em primeiro lugar. Ao entender estas categorias, compreenderemos também quais são os discursos que atravessam a linguagem materializada na reportagem em questão.

5.1 O CAMPO DE GUERRA DAS REDES SOCIAIS EM UM MUNDO POLARIZADO

O primeiro conceito que temos que explorar, para entender o *discurso* de um determinado texto, é o de *ideologia*. A *ideologia*, como já falamos anteriormente, se refere ao contexto sócio, político e histórico que envolve os sujeitos do diálogo. Então, desenharemos um pouco do contexto da reportagem “Johnny Depp x Amber Heard: resultado do julgamento pode desestimular denúncias de violência doméstica?”, envolvendo as questões políticas mundiais, o ambiente das redes sociais, o acirramento dos discursos de ódio, as fake news e as batalhas no feminismo. É claro que não poderemos descrever todas as coisas que estão acontecendo simultaneamente no mundo no momento da reportagem, nos restringindo àqueles aspectos que consideramos relevantes.

Como comentado na introdução, os últimos anos foram marcados pela polarização política, ascensão da direita radical, divisão de movimentos sociais, e radicalização dos discursos como um todo. O feminismo, então, sofreu impactos dessa tendência mundial.

É fundamental perceber, contudo, que todos esses acontecimentos, tanto na política quanto no feminismo, aconteceram principalmente dentro das redes sociais. Jair Bolsonaro, por exemplo, enfrenta uma Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) para investigar a possível organização política de disparo de notícias falsas em massa. A CPMI foi aberta em 2019, para investigar a existência de Fake News nas eleições de 2018.

Além disso, de acordo com o documentário da Netflix, *O Dilema das Redes*, o Facebook vendeu informações privadas de seus usuários para a empresa Cambridge Analytica, que era responsável pela campanha eleitoral de Donald Trump. Assim, a assessoria de imprensa cruzava dados sobre cada pessoa, e personalizava um conteúdo para elas, convencendo-as de votar no candidato republicano. O conteúdo compartilhado, por vezes, era feito para provocar ódio e possuía conteúdo falso. (NETFLIX, 2020)

Voltando para a reportagem analisada, segundo o BBC News, a hashtag #justiceforjohnnydepp, no Tik Tok, no final de junho de 2022, tinha aproximadamente 18 bilhões de visualizações (G1, 2022).

De acordo com Rafi Mendelsohn, porta-voz da empresa Cybra, que rastreia desinformação online, 11% dos perfis das redes sociais que comentaram sobre o julgamento de Amber Heard eram falsas (G1, 2022). Segundo o jornal inglês, Vice World News, o jornal

conservador Norte-Americano, The Daily Wire, gastou dezenas de milhares de dólares para promover notícias falsas e conteúdo de ódio sobre o caso do julgamento de Heard. (McCOL; NARAYANAN, 2022).

Esses conteúdos compartilhados acerca de Amber Heard, segundo a própria atriz, faziam com que as pessoas a ameaçassem de morte. Segundo outra reportagem da Folha de São Paulo (2022), vários vídeos na rede social Tik Tok ridicularizavam Heard, enquanto enalteciam Depp. Por exemplo, um vídeo do julgamento em que Heard assoava o nariz com um lenço, e que afirmava que ela estava cheirando cocaína. Outro vídeo em que Depp é considerado um cavalheiro por puxar a antena do telefone de sua advogada. Uma mulher ouve gravações de áudio violentas de Depp, e reage com suspiros e desejo. (HESS, 2022).

É nesse contexto de polarização política, ascensão de discursos de ódio, hostilidade no feminismo, de uso intenso de redes sociais e de fake news que a reportagem “Johnny Depp x Amber Heard: resultado do julgamento pode desestimular denúncias de violência doméstica?” foi publicada. Assim, todo esse contexto se constitui na *ideologia* da reportagem.

5.2 UM HOMEM SERIA TRATADO DA MESMA FORMA?

A formação ideológica é outra categoria de análise que aplicamos à análise do discurso, e que empregaremos à reportagem em questão. A formação ideológica se refere às ideologias que são provocadas pela existência de uma desigualdade de poder dentro de uma sociedade. Assim, podemos ver que existe uma formação ideológica entre Amber Heard e Johnny Depp, considerando que se trata de mulher e homem. Como explicado, uma das bases comuns do feminismo é a crença de que há uma disparidade injusta entre homens e mulheres, apenas pelo gênero. Nesse contexto, os homens sempre teriam um privilégio em relação às mulheres próximas a ele, mais acentuadamente quando estão no ambiente público.

Alguns pontos que chamam a atenção na reportagem são dois momentos em que são feitas considerações ao leitor que podem estar alinhadas ao movimento feminista, ou aos pensamentos de igualdade de gênero em alta hoje em dia. No início do terceiro parágrafo do texto, afirma-se: “O júri composto por cinco homens e duas mulheres [...]”, mostrando a presença do discurso de que o machismo é algo estrutural, e que os direitos das mulheres não são garantidos porque a sociedade foi feita por homens e pensada para homens. Segundo essa ideia, seria difícil os interesses das mulheres serem garantidos em um ambiente majoritariamente masculino, em que quem decide são os homens, como em um corpo de

políticos sem representatividade feminina. Esse discurso pode ser observado na publicação “Machismo estrutural no legislativo não ‘enxerga’ interesse das mulheres”, feita no Jornal USP (OLIVEIRA, 2021).

Figura 3 - Print do corpo da reportagem

COMPARTILHE

O júri composto por cinco homens e duas mulheres decidiu que a atriz deveria pagar uma indenização de US\$ 15 milhões (R\$ 72 milhões), valor que foi reduzido para US\$ 10,35 milhões (R\$ 49,4 milhões), em razão de limites legais da Virgínia.

- Por que Johnny Depp perdeu julgamento no Reino Unido, mas teve vitória nos EUA
- Amber Heard: 'É fácil esquecer que sou um ser humano'

Quanto às acusações de Heard contra Depp, também por difamação, o júri condenou o ator, que não esteve na audiência, a pagar indenização de US\$ 2 milhões (R\$ 9,5 milhões) por difamá-la por meio de seu advogado, Adam Waldman.

O veredicto surpreendeu especialistas em direito, especialmente porque segue a derrota de Depp em um caso semelhante no Reino Unido há quase dois anos.

Para Heard, a decisão foi uma rejeição quase total de seu testemunho.

11 / 29 - Veja Amber Heard no julgamento contra Johnny Depp

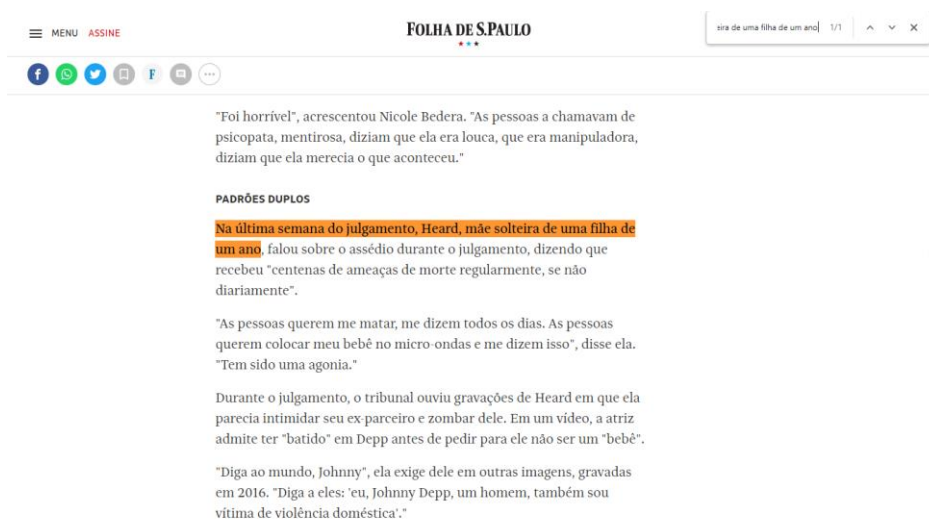
Veja os espetáculos em destaque e leia críticas teatrais

MULTITELA < Confrira quais são os destaques da televisão

Fonte: Folha de São Paulo 25/07/2022

Outro ponto que chama a atenção é a frase “Na última semana do julgamento, Heard, mãe solteira de uma filha de um ano, falou sobre o assédio durante o julgamento”, que ressalta a condição de mãe solteira de Heard. Essa observação retoma às dificuldades das mães solteiras, que, hoje se sabe, passam por uma jornada muito maior de trabalho, sobrecarga, discriminação, e ainda precisam cuidar de seus filhos, e, por isso, devem ser ainda mais protegidas da violência. (GALVÃO, 2020).

Figura 4 - Print de trecho da reportagem



Fonte: Folha de São Paulo 25/07/2022

Essa disparidade de tratamento entre homem e mulher é uma formação ideológica presente na reportagem, que denuncia os padrões duplos com que Heard e Depp foram tratados.

5.3 DIREITA OU ESQUERDA? DESDE QUANDO EXISTE AUTORIZAÇÃO PARA DUVIDAR DE MULHERES?

Avançando nas categorias de análise propostas pela AD, surge o conceito de *inscrição ideológica*. Essa expressão se refere ao contexto específico de cada sujeito. Já discutimos, mais acima, sobre a *ideologia* e o contexto histórico, político e social da sociedade como um todo no momento de publicação da reportagem. No entanto, mais que isso, cada sujeito envolvido, seja os jornalistas, as personagens do texto (Amber Heard e Johnny Depp), as entrevistadas e até mesmo o leitor tem uma *inscrição ideológica* única, que difere do que é coletivo.

É preciso entender que cada sujeito, de acordo com suas vivências e seu posicionamento no tempo e espaço possuirá uma visão de mundo totalmente única. Nesse caso, não é possível saber quais são os discursos que perpassam cada ser humano, mas é possível estimar a qual alinhamento cada um está ligado. Podemos entender, por exemplo, que Johnny Depp seria desfavorável ao feminismo, e que talvez tenha posicionamentos políticos alinhados à direita. Também, podemos dizer que Heard assume um papel de vítima que necessita do feminismo, e que as entrevistadas são favoráveis ao movimento, provavelmente à esquerda.

No próximo conceito, trabalhamos a *formação discursiva*, que se refere ao momento histórico do *discurso*, e da criação das condições exatas para que ele exista naquele momento.

Afinal, somente uma situação muito específica permite que um discurso surja, seja em quem for. Esse conceito nos leva a nos perguntar quais condições permitiram que um discurso de ódio surgisse contra uma mulher que faz uma denúncia de violência doméstica. Essa *formação discursiva* pode ser encontrada naquilo que Bosco (2017) aponta como a descredibilização do feminismo, proporcionada pela ascensão das lutas identitárias e pela ascensão de vozes como as do antifeminismo. Com esse duvidar do movimento que busca os direitos das mulheres, seria possível colocar em dúvida provas de uma mulher que afirma ter sofrido violência doméstica.

Alguns outros conceitos que existem como categoria de análise são a dialogicidade e a heterogeneidade. A dialogicidade declara necessária a troca de informações e o diálogo para que exista o discurso, o que, de fato, é feito na reportagem analisada, que foi escrita e publicada em um jornal. Além disso, a heterogeneidade aborda a característica exposta ou não dos discursos no objeto de análise. No caso do objeto em questão, há a presença da heterogeneidade constitutiva, em que as vozes do discurso não estão explícitas, mas estão nas entrelinhas.

5.4 UMA POLIFONIA FEMINISTA

Por fim, a última categoria de análise importante para a análise do discurso é de polifonia. Segundo esse conceito, em um discurso, existem muitas vozes que concorrem entre si, e que nem sempre concordam umas com as outras.

O conceito de violência doméstica mencionado muitas vezes na reportagem, e tema principal do debate e do embate judicial, nem sempre foi utilizado. Para que ele esteja nessa reportagem, foi necessário que o movimento feminista tenha inserido o ambiente privado no debate público, e isso aconteceu principalmente na segunda onda feminista, com feministas como Carol Hanisch, que defendia que o “pessoal é político”. (HANISCH, 1969).

A segunda onda do movimento feminista marca também o surgimento do feminismo radical. Ao usar o conceito de violência doméstica, há uma menção à ideia do feminismo radical, de discutir o que acontecia com as mulheres dentro de casa, num contexto da Mística Feminina.

No entanto, além do feminismo radical estar indiretamente presente no discurso da reportagem, também há a presença de outras correntes do feminismo. Isso pode ser notado pela formação discursiva presente no texto, de um contexto em que o feminismo tem sido descredibilizado. Segundo Bosco (2017), esse fenômeno é explicado pelos embates dentro do

próprio movimento. Assim, percebe-se, na reportagem, a incidência indireta de vozes das diferentes correntes atuais do feminismo, que estão em ambiente de batalha. (BOSCO, 2017)

Sendo assim, tentaremos entender melhor essa polifonia feminista. Para Heywood, há três principais correntes do feminismo: o liberal, o radical e o marxista. Separaremos, abaixo, cada um com suas devidas características, apontadas pelo autor. No entanto, ainda é possível perceber, mais recentemente, a ascensão de novas correntes, como o feminismo negro e o feminismo pós-moderno (HEYWOOD, 2010).

Para facilitar a compreensão das diferentes vozes que formam o campo de embate feminista, elaboramos o quadro abaixo, com os critérios apontados por Heywood (2010).

Portanto, de acordo com o quadro 1, as diferentes vozes do feminismo aparecem na reportagem quando há uma predominância do feminismo radical, mas há a presença do contexto histórico de descredibilização do feminismo. Afinal, como já explanado, levanta-se a possibilidade de não haver esse resultado do julgamento caso o contexto fosse outro, menos controverso.

Agora, com uma compreensão das vozes do feminismo atualmente, e de como elas estão presentes na reportagem estudada, nos cabe adentrar no campo da epistemologia do conhecimento, para realizar uma das propostas deste trabalho, que é o de tornar mais claras as origens dos diferentes feminismos.

5.5 FEMINISMO E EPISTEMOLOGIA

Em um ambiente cultural cheio de correntes feministas, com um embate acirrado entre elas, e com pessoas antifeministas tentando desmentir o movimento a todo o tempo, torna-se necessário compreender plenamente quais são as origens de cada corrente, com base em uma compreensão das raízes epistemológicas de cada pensamento. É claro que é um desafio contemplar todos os pensamentos das correntes e ondas com compreensões epistemológicas, e ainda mais em um trabalho de graduação. Portanto, esclarece-se que se trata de uma proposição preliminar, que poderá ser melhorada por futuros pesquisadores.

Começando com o feminismo liberal, que tem origem na primeira onda, é possível relacioná-lo com o positivismo, que, inclusive, surgiu na mesma época, após a Revolução Francesa, e que se baseia em fatos objetivos, práticos, da vida exterior, como é feito no

feminismo liberal. Além disso, o positivismo propõe uma distância entre o pesquisador e o objeto, como é buscado pelas feministas da época ao lutar pelos seus direitos: elas deixavam a própria vida particular de lado. Além disso, ele não propõe nenhum tipo de revolução, mas mantém uma ótica capitalista, que é reforçada pelo feminismo liberal, que busca reformas.

Já o feminismo marxista é fruto do trabalho de Karl Marx e do método materialista histórico-dialético. Para as feministas marxistas, a luta das mulheres é também uma luta de classes. Porque a opressão de gênero só acontece em um contexto de exploração de classes, como proposto por Marx. Assim, a libertação do proletariado, na revolução, é questão elementar para o fim da opressão das mulheres.

Já o feminismo negro é fruto, como aponta Francisco Bosco (2017), das lutas identitárias, no contexto das ciências sociais contemporâneas. Essas correntes começaram a se fortalecer em meados do século XX, e podem estar embasadas nos estudos culturais e em pensadores como Stuart Hall.

O feminismo radical, por fim, possui ideais parecidos com o marxismo. Alguns desses pontos são, por exemplo, a ideia de que é necessário haver uma mudança completa, no sentido revolucionário, de tudo o que existe e é dado como tal. No entanto, o feminismo radical se separa do marxismo ao não misturar os conceitos de gênero e classe, e nem defender que a igualdade entre homens e mulheres só será alcançada em uma sociedade socialista. As feministas radicais, de certa forma, criam uma teoria completamente das mulheres, que parte da percepção de cada uma, e da politização dos problemas encontrados. Para elas, todo homem é um opressor em potencial. Então, pode ser que o feminismo radical tenha alcançado sua independência epistemológica.

Como a reportagem em questão trata da violência doméstica - tema importante para o feminismo da segunda onda - e essa temática se refere a uma discussão pública do que acontece no ambiente privado, pode-se dizer que há tendências de uma predominância do discurso do feminismo radical no texto. E como o feminismo radical é, em alguns pontos, mas não em todos, assemelhado ao marxismo, seria possível dizer que há algumas dessas características na reportagem. No entanto, cabe ressaltar que o feminismo radical não é predominantemente marxista, e que ele tem suas raízes teóricas muito fundamentadas nos próprios estudos feministas. Então, a reportagem estaria muito mais baseada em um alinhamento feminista que

marxista. Ademais, todos esses traços percebidos são muito sutis, desde o feminismo radical, e ainda mais as origens epistemológicas.

Estas são as análises mais finais e ousadas deste trabalho, e, talvez, com essas compreensões epistemológicas acerca do feminismo, seja possível, diminuir as confusões feitas entre um feminismo e outro. No entanto, cabe ainda ressaltar que todas as mulheres feministas ainda são mulheres, que sofrem com as desigualdades, e que precisam da força do movimento para alcançar mudanças. Portanto, é mais efetivo unir que separar.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, entendemos que a epistemologia é uma forma de organizar as correntes teóricas do mundo. Desde a Antiguidade, já se fazia algumas considerações sobre como o mundo poderia ser organizado. Mais recentemente, as ciências sociais desafiaram o campo da epistemologia, exigindo a criação de modelos diferentes e não positivistas de fazer pesquisa.

Em relação ao feminismo, compreende-se que ele é um movimento de mulheres que nasceu junto com a civilização contemporânea, lutando pelo fim da desigualdade de gênero e das injustiças que as mulheres ainda sofrem, apenas pelo fato de serem mulheres. Ele foi marcado por uma primeira onda, em que surgiu o feminismo liberal, que lutava pela igualdade de direitos civis das mulheres. No entanto, anos depois, as mulheres perceberam que isso não havia sido o suficiente, e que elas precisavam de uma nova luta pela justiça. Então, levantou-se a segunda onda e o feminismo radical, que denunciava aquilo que acontecia no ambiente e na vida privada. Atualmente, considera-se a existência de uma terceira onda, mas ela é marcada pela existência de muitas correntes, que discordam entre si.

Nesse contexto, a reportagem analisada oferece uma amostra da realidade social de 2022, em que a violência doméstica foi questionada e uma mulher atacada nas redes sociais. De acordo com a Análise do Discurso, é possível entender que os discursos de ódio e radicais presentes na sociedade atual transpassam o que aconteceu, e que a desigualdade de gênero, bem como os alinhamentos políticos são relevantes para a materialização deste discurso. Considera-se também que houve, na reportagem, a presença da heterogeneidade constitutiva e da dialogicidade, bem como a da polifonia das diferentes correntes do feminismo.

O feminismo atual é marcado pela concorrência de vozes, que pode ser facilitada pela compreensão das origens dessas vozes da história. Esse caminho pode ser feito pela epistemologia do conhecimento, que identifica o positivismo com o feminismo liberal, o marxismo com o feminismo marxista, os estudos culturais com o feminismo interseccional, e reconhece uma linha inédita para o feminismo radical.

Realizar este trabalho foi, em um primeiro momento, prazeroso e realizador, porque permitiu à autora mergulhar em temas de especial interesse para ela. Contudo, o maior desafio foi imergir nas análises, principalmente no momento de escolha do objeto de pesquisa. Talvez por uma inexperiência científica, ou pela dificuldade de encontrar critérios que fossem capazes

de selecionar um objeto representante do momento atual do movimento feminista. Outro desafio foi manter o foco na Comunicação Social, e não dispersar a pesquisa para os outros campos de estudo que foram também abordados nesta monografia.

Enfim, considera-se que este trabalho abre espaço para outras pesquisas posteriores, que se dediquem a compreender melhor os pontos estudados.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Ted Talks**. 2009. Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story. Acesso em: 14 mar 2022.
- ALMEIDA, Diélen dos Reis Borges. **Os invisíveis n'ó olho da rua: O Jornalismo Literário e a visibilidade midiática dos socioeconomicamente excluídos**. 2013. 65 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013.
- APPOLINÁRIO, Fabio. **Metodologia da Ciência. Filosofia e Prática da Pesquisa**. 2ª ed. Cengage Learning, 2011.
- AQUINO, Felipe. **A Alma das Mulheres**. 2011. Disponível em: <https://cleofas.com.br/a-almadas-mulheres-eb/>. Acesso em: 25 jul. 2022.
- ARANTES, Susana Rosa. **A mulher de TPM: A representação midiática e discursiva da mulher nas capas da revista TPM**. Trabalho de Conclusão de Curso (Comunicação Social: habilitação em Jornalismo). Universidade Federal de Uberlândia. 2013.
- BAVARESCO, Agemir. Idealismo Realista ou Realismo Idealista: Hegel e Marx. **Veritas**, Porto Alegre, v. 63, n. 1, p. 355 – 375, jan-mar 2018. <http://dx.doi.org/10.15448/1984-6746.2018.1.29831>. Disponível em: https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/14459/2/Idealismo_Realista_ou_Realismo_Idealista_Hegel_Marx.pdf. Acesso em: 25 jul. 2022.
- BARROS, Antonio T.; JUNQUEIRA, Rogerio D. A elaboração do projeto de pesquisa. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005, p. 32-50.
- BBC. **TikTok: o papel da rede social e da internet no julgamento Amber Heard x Johnny Depp**. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2022/06/02/tiktok-o-papel-da-rede-social-e-da-internet-no-julgamento-amber-heard-x-johnny-depp.ghtml>. Acesso em: 25 jul. 2022.
- BOSCO, Francisco. **A vítima tem sempre razão? Lutas identitárias e o novo espaço pública brasileiro**. 1ª ed. São Paulo: Todavia, 2017.
- CAFÉ FILOSÓFICO: **A violência contra a mulher no ambiente familiar**. Realização de Adriana Mello. Brasil: Instituto Cpfl, 2017. Son., color. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VVjIHP_L-o8. Acesso em: 01 ago. 2022.mar. 2022.
- CARDOSO, Kimberlin Kariny Gonçalves; SILVA, Fabio Lacerda M. **Uma análise introdutória das três ondas do pensamento feminista**. VIII Simpósio de Iniciação Científica, Didática e de Ações Sociais da FEI. São Bernardo do Campo, 2018.
- DUARTE, Jorge. BARROS, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. 2ª ed. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.

FRIEDAN, Betty. **A mística feminina**. Ed. brasileira. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1971.

GALVÃO, Lize Borges. Mãe solteira não. Mãe solo! Considerações sobre maternidade, conjugalidade e sobrecarga feminina. **Revista Direito e Sexualidade**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 1-23, 22 set. 2020. Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.9771/revdirsex.v1i1.36872>. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revdirsex/article/view/36872/21118>. Acesso em: 25 jul. 2022.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise tolofo. **Métodos de Pesquisa**. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFGR, 2009.

HANISCH, Carol. **O pessoal é político**. Tradução Livre. Fevereiro, 1969. Disponível em: <https://we.riseup.net/assets/190219/O+Pessoal%2B%C3%A9%2BPol%C3%ADtico.pdf>. Acesso em: 09 mar 2022.

HESS, Amanda. **Fãs de Johnny Depp usam TikTok como máquina de ódio contra Amber Heard**. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/05/fas-de-johnny-depp-usam-tiktok-como-maquina-de-odio-contr-amber-heard.shtml?origin=folha>. Acesso em: 25 jul. 2022.

HEYWOOD, Andrew. **Ideologias políticas do feminismo ao multiculturalismo**. 1 ed. 1. Impr. V. 2. São Paulo, Ática, 2006.

HONDERICH, Holly. **Johnny Depp x Amber Heard: resultado do julgamento pode desestimular denúncias de violência doméstica?** 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/06/johnny-depp-x-amber-heard-resultado-do-julgamento-pode-desestimular-denuncias-de-violencia-domestica.shtml>. Acesso em: 05/08/2022.

HUENEMANN, Charlie. **Racionalismo**. Ed. brasileira. Brasil: Editora Vozes Ltda. 2012.

KOKAY, Érika. Onde o populismo de direita está no poder no mundo. **Deutsch Welle**. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/onde-o-populismo-de-direita-est%C3%A1-no-poder-no-mundo/a-46065697>. Acesso em: 14 mar 2022.

LAMPEN, Claire. **Em quais mulheres escolhemos acreditar?** 2022. Disponível em: <https://www.livrarista.com/post/em-quais-mulheres-escolhemos-acreditar>. Acesso em: 25 jul. 2022.

LINDEN, Marcel van Der. O conceito marxiano de proletariado: uma crítica. **Sociologia & Antropologia**, [S.L.], v. 6, n. 1, p. 87-110, abr. 2016. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2238-38752016v6i14>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sant/a/hZgw6xBpY3SyQwCjXDdtNGm/?lang=pt#ModalArticles>. Acesso em: 01 ago. 2022.

MACEDO, Bruno Alves. O transcendente e o imanente em A Ideia da Fenomenologia de Husserl. **Revista Filogênese: Revista Eletrônica de Pesquisa na Graduação em Filosofia da**

UNESP, Marília, v. 10, 2017. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/11macedo.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2022.

MALHEIROS, Isaac. MEIRA, Vanessa. A visão feminista da Bíblia: uma análise sob a perspectiva adventista. **Revista Kerygma**. vol. 15. n. 1. p. 24-39. São Paulo: 2020. <http://dx.doi.org/10.19141/1809-2454.kerygma.v15.n1.p24-39>.

MCCOL, Alice; NARAYANAN, Manasa. **The Daily Wire Spent Thousands of Dollars Promoting Anti-Amber Heard Propaganda**. 2022. Disponível em: <https://www.vice.com/en/article/3ab3yk/daily-wire-amber-heard-johnny-depp>. Acesso em: 25 jul. 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. DESLANDES, Suely Ferreira. **Caminhos do pensamento epistemologia e método**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002.

MORAES, Isabela. **Burguesia: quem é e qual sua origem?** 2019. Disponível em: <https://www.politize.com.br/burguesia/>. Acesso em: 01 ago. 2022.

MORRIS, William Edward. BROWN, Charlotte R. David Hume. In: **Enciclopédia de Filosofia de Stanford**. 2001. Disponível em: https://plato.stanford.edu/entries/hume/?utm_source=ILL&utm_medium=article&utm_campaign=famouslibrs#AccMin. Acesso em: 25 jul. 2022.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. 1ª ed. Editora Expressão Popular. São Paulo: 2011.

NOVELLI, Pedro Geraldo. **O idealismo de Hegel e o materialismo de Marx: demarcações questionadas**. Tese de Doutorado (Programa de Pós-graduação em História e Filosofia da Educação). Universidade de Campinas. Botucatu, 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/WWTf5ctZ3Bw9XnNnxrfzTRs/?lang=pt>. Acesso em: 25 jul. 2022.

O DILEMA das redes. Direção de Jeff Orlowiski. Roteiro: Vickie Curtis, Davis Coombe, Jeff Orlowiski. [S.I.]: **Netflix**, 2020. (94 min.), son., color. Legendado. Disponível em: <https://www.netflix.com/title/81254224>. Acesso em: 01 ago. 2022.

OLIVEIRA, Kaynã de. Machismo estrutural no legislativo não “enxerga” interesse das mulheres. 2021. **Jornal da USP**. Disponível em: <https://jornal.usp.br/?p=417562>. Acesso em: 25 jul. 2022.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Efeitos do verbal sobre o não-verbal. **RUA**, v.1, n. 1, p. 35-47, jun. 2005. DOI: <https://doi.org/10.20396/rua.v1i1.8638914>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8638914/6517>. Acesso em: 24/06/2019.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. 2ª ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

PORQUE a educação é a única solução do país. **Prof. Luiz Eduardo**. 2019. Disponível em: <https://www.profluizeduardo.com.br/2019/11/21/porque-a-educacao-e-a-unica-solucao-do-pais/>. Acesso em: 14 mar 2022.

PORTO, C.M. **O atomismo grego e a formação do pensamento físico moderno**. Revista Brasileira de Ensino de Física. 2013, v. 35, n. 4, p. 1-11. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1806-11172013000400016>. Acesso em: 31 Jul 2022.

REVISTA AZMINA. São Paulo: **Instituto Azmina**, 10 jun. 2022. Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/amber-heard-e-johnny-deep-quais-os-impactos-que-esse-caso-tem-na-luta-das-mulheres/>. Acesso em: 01 ago. 2022.

ROCHA, Anna Victoria Ferreira. **É tarde demais para nos calar: O feminismo nas esferas públicas midiáticas**. Trabalho de Conclusão de curso (Comunicação Social: habilitação em Jornalismo). Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2015.

SILVA, Gabrielle Saraiva. **A dominação masculina, o patriarcado e a apropriação estatal de conflitos: contribuição da justiça restaurativa aos casos de violência doméstica e familiar contra a mulher**. 118 p. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Direitos e Garantias Fundamentais). Faculdade de Direito de Vitória. Vitória, 2017.

SILVA, Joasey Pollyanna Andrade da; CARMO, Valter Moura do; RAMOS, Giovana Benedita Jaber Rossini. As quatro ondas do feminismo: lutas e conquistas. **Revista de Direitos Humanos em Perspectiva**. p. 101 – 122, jan/jul. 2021.

TESSER, João Gelson. Principais linhas epistemológicas contemporâneas. **Educar**, Curitiba, n. 10, p. 91-98. 1995. Editora da UFPR.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Porque as notícias são como são. Vol 1. 2ª ed. Florianópolis: Insular, 2005.

UTZ, Konrad. O método dialético de Hegel. **Veritas**, Porto Alegre, v. 50, n. 1, p. 165-185, mar. 2005. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/veritas/article/view/1797/1327>. Acesso em: 25 jul. 2022.

WELLE, Deutsch. Em mensagem de Natal, Papa Francisco critica polarização e pede diálogo entre as pessoas. **G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/12/25/em-sua-mensagem-de-natal-papa-francisco-critica-polarizacao.ghtml>. Acesso em: 09 mar 2022.

APÊNDICE: REPORTAGEM NA FOLHA DE SÃO PAULO

Johnny Depp x Amber Heard: resultado do julgamento pode desestimular denúncias de violência doméstica?

Heard recebeu inúmeras críticas online, muitas delas próximas ao assédio, durante a batalha legal com seu ex-marido

4.jun.2022 às 17h44

Holly Honderich

WASHINGTON | BBC

Amber Heard se tornou vítima de ataques na internet durante a batalha judicial por difamação aberta por seu ex-marido Johnny Depp, que também envolveu alegações de violência doméstica. O caso poderia afetar negativamente vítimas de abuso que decidem denunciar uma situação semelhante?

Na última quarta-feira, um tribunal da Virgínia, nos Estados Unidos, considerou que Heard difamou Depp em um artigo publicado no jornal Washington Post de 2018 no qual ela se descreve como "uma figura pública que representa o abuso doméstico", sem nomear seu ex-marido.



A atriz Amber Heard durante julgamento - AFP

O júri composto por cinco homens e duas mulheres decidiu que a atriz deveria pagar uma indenização de US\$ 15 milhões (R\$ 72 milhões), valor que foi reduzido para US\$ 10,35 milhões (R\$ 49,4 milhões), em razão de limites legais da Virgínia.

Por que Johnny Depp perdeu julgamento no Reino Unido, mas teve vitória nos EUA

Amber Heard: 'É fácil esquecer que sou um ser humano'

Quanto às acusações de Heard contra Depp, também por difamação, o júri condenou o ator, que não esteve na audiência, a pagar indenização de US\$ 2 milhões (R\$ 9,5 milhões) por difamá-la por meio de seu advogado, Adam Waldman.

O veredicto surpreendeu especialistas em direito, especialmente porque segue a derrota de Depp em um caso semelhante no Reino Unido há quase dois anos.

Para Heard, a decisão foi uma rejeição quase total de seu testemunho.

Depp, de 58 anos, negou com firmeza as alegações de abuso emocional, físico e sexual que Heard diz terem ocorrido em várias ocasiões ao longo de seu relacionamento de cinco anos.

COMENTÁRIOS NAS REDES SOCIAIS

O júri ficou do lado de Depp e considerou as alegações de Heard como falsas.

Em um comunicado, a atriz de 36 anos disse que estava "com o coração partido" pela decisão. Sua equipe disse que vai recorrer.

Mas, no tribunal da opinião pública, parecia que Heard já havia perdido mesmo antes do resultado final.

Durante as seis semanas de julgamento, muito antes de o júri dar seu veredito, uma espécie de consenso se estabeleceu na internet de que Heard estava mentindo.

Seu testemunho foi amplamente ridicularizado, hashtags chamando-a de sociopata foram tendências no Twitter e uma petição para removê-la da próxima sequência do filme "Aquaman" recebeu, até sexta-feira, 3 de junho, mais de 4,4 milhões de assinaturas.

No TikTok, os casais encenaram algumas das cenas de violência que Heard denunciou no depoimento, em um aparente esforço para provar que foram inventadas.

"Acho que devemos ser muito claros sobre isso: esse julgamento gerou muito assédio contra Amber Heard", diz Nicole Bedera, socióloga especializada em violência sexual. "Foi chocante."



Johnny Depp após o julgamento - Getty Images/BBC

Especialistas em violência doméstica como Bedera temem que a resposta profundamente negativa em relação à Heard tenha repercussões muito além do julgamento.

IMPACTO PARA FUTURAS VÍTIMAS

Muitos alertam que o abuso online sofrido por Heard terá um efeito devastador na vida de sobreviventes de violência doméstica e pode desencorajar algumas a denunciarem seus casos.

"Há muitas sobreviventes que verão sua história refletida neste julgamento. E elas também serão prejudicadas por esse caso", disse Bedera.

"Acho que muitas vítimas agora vão se sentir mais inseguras com a ideia de contar seu caso no futuro", disse.

Casos de violência doméstica tendem a ser resolvidos sem denúncias. Nos Estados Unidos, apenas dois em cada cinco casos são reportados à polícia, de acordo com a última pesquisa do Departamento de Justiça dos EUA.

A mesma proporção de mulheres, em torno de 40%, apresentou denúncias de violência no relacionamento.

"Acho que ficou claro que as sobreviventes estão tomando decisões racionais quando optam por não denunciar seu caso", disse Alexandra Brodsky, advogada de direitos civis e autora do livro "Justiça Sexual".

"É feita uma análise de custo-benefício e, muitas vezes, esse cálculo mostra que é melhor não informar", segundo a especialista.

Na hora de pôr na balança, pesa muito o medo de uma dolorosa investigação e julgamento —e o medo de que ninguém acredite nelas.

Ambos os temores foram demonstrados na resposta recebida por Heard, disse Kelly Sundberg, professora da Universidade Ashland e autora de "Goodbye Sweet Girl", um livro de memórias sobre sua experiência em um relacionamento abusivo.

"Há uma razão pela qual a maioria das pessoas mantém seus abusos privados", disse ele.

"Mesmo se ela [Heard] tivesse vencido, isso teria um efeito assustador nas vítimas, porque ninguém quer ser desacreditado como ela foi", disse Sundberg.

"Se eu tivesse recebido esse tipo de resposta antes de escrever meu livro, acho que não me sentiria segura em publicá-lo", disse ela.

"Foi horrível", acrescentou Nicole Bedera. "As pessoas a chamavam de psicopata, mentirosa, diziam que ela era louca, que era manipuladora, diziam que ela merecia o que aconteceu."

PADRÕES DUPLOS

Na última semana do julgamento, Heard, mãe solteira de uma filha de um ano, falou sobre o assédio durante o julgamento, dizendo que recebeu "centenas de ameaças de morte regularmente, se não diariamente".

"As pessoas querem me matar, me dizem todos os dias. As pessoas querem colocar meu bebê no micro-ondas e me dizem isso", disse ela. "Tem sido uma agonia."

Durante o julgamento, o tribunal ouviu gravações de Heard em que ela parecia intimidar seu ex-parceiro e zombar dele. Em um vídeo, a atriz admite ter "batido" em Depp antes de pedir para ele não ser um "bebê".

"Diga ao mundo, Johnny", ela exige dele em outras imagens, gravadas em 2016. "Diga a eles: 'eu, Johnny Depp, um homem, também sou vítima de violência doméstica'."

Essas gravações eram frequentemente usadas como prova nas mídias sociais de que Heard estava mentindo e que ela era a agressora "real" em seu relacionamento.

Mas esse mesmo escrutínio não parecia se aplicar a Depp.

O tribunal ouviu várias testemunhas –incluindo uma de suas ex-namoradas, a atriz Ellen Barkin– descrever o suposto abuso de drogas e álcool e tendências violentas do ator.

Em áudio gravado, o júri ouviu Depp gritando insultos e obscenidades para Heard e viu mensagens dizendo que desejava que sua ex-mulher morresse.

"Houve um duplo padrão, com certeza", disse Nicole Bedera.

"Johnny Depp também disse algumas coisas realmente horríveis. Mensagens de texto sobre a ideia de estuprar e assassinar Amber Heard me vêm à mente", disse a especialista. "Muitas pessoas foram rápidas em dizer 'foi apenas uma piada' na época."

POSSÍVEIS REPETIÇÕES

Especialistas também temem que o caminho legal seguido por Depp, abrindo um processo de difamação, possa ser usado por autores de abusos.

"Uma coisa que realmente faltou na cobertura é que Heard não processou Depp por abuso", disse a advogada Alexandra Brodsky. "Foi Depp quem processou Heard por dizer que ela foi assediada, e nem mesmo por ele."

Brodsky descreveu uma "horda" crescente de advogados e consultores de relações públicas aconselhando jovens sobre como limpar seus nomes depois de serem acusados de agressão sexual na faculdade.

"Muito disso são processos por difamação, ou pelo menos ameaças de processos por difamação. Vimos essa estratégia se espalhar", confirmou.

Nesse caso, após seis semanas de depoimentos, o júri decidiu por unanimidade que Heard havia difamado Depp no texto no jornal. "O júri me deu minha vida de volta", disse o ator em um comunicado após o veredicto.

Mas buscar indenização por difamação se torna "alarmante" quando os perpetradores a usam como estratégia de relações públicas, disse Brodsky.

"A verdade é que, não importa o que acontecesse no final do julgamento, Depp teria se tornado, pelo menos para algumas pessoas, o herói", disse ela. "Estou realmente preocupado com o efeito 'copiador'."

Ao mesmo tempo, esses casos atuam como um impedimento para as vítimas em geral, disse ela.

"Alguém vê seu amigo, colega de classe ou uma celebridade enfrentando um processo de difamação e diz: 'Não quero lidar com isso!'."